



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**MAURINEIDE GOMES DO NASCIMENTO**

**A ATUAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL: LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS DE AÇÃO**

**FORTALEZA**

**2014**

MAURINEIDE GOMES DO NASCIMENTO

A ATUAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL: LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS DE AÇÃO

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia. Área de concentração: Alfabetização e Letramento.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

Nascimento, Maurineide Gomes do

A atuação docente e a prática de leitura e escrita no 3º ano do ensino fundamental: limitações e perspectivas de ação. – 2014.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2014.

Orientação: Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva.

1. Pesquisa. 2. Leitura. 3. Escrita.

---

MAURINEIDE GOMES DO NASCIMENTO

A ATUAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL: LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS DE AÇÃO

Monografia submetida à Coordenação do  
Curso de Graduação em Pedagogia ao  
Curso de Pedagogia da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial  
para obtenção do Título de Licenciada em  
Pedagogia. Área de concentração:  
Alfabetização e Letramento.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Ana Paula de Medeiros Ribeiro  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Rui Rodrigues Aguiar  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus.

Aos meus pais Maria Rita e Francisco Maurício e aos meus irmãos, todos de suma importância nesse desafio obrigada pelo apoio e incentivo. Aos amigos que conquistei neste curso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus – que me protege, acalanta todos os dias e ainda por ter concedido conhecer meus anjos pessoalmente << minha família >>.

À minha mãe, Maria Rita Gomes do Nascimento (mãe guerreira), apenas posso agradecer por nunca ter desistido de mim. Mesmo que me dessem a eternidade não seria o suficiente para descrever meu amor e admiração.

Ao meu pai, Francisco Maurício do Nascimento, o qual me ensinou que nunca é tarde para mudar o projeto de vida.

À minha irmã Mauricélia Gomes do Nascimento fonte de sabedoria, delicadeza e justiça. Por sempre permanecer presente em minha vida.

À minha irmã Maurilúcia Gomes do Nascimento que emana força e determinação sem perder a alegria da vida. Por ter me ensinado a sorrir.

Ao meu irmão Paulo Maurício Gomes do Nascimento, significado de inteligência, coragem e responsabilidade e acima de tudo não mede esforços para ajudar sua família. Ensinou--me a não perder tempo chorando quando ainda tenho tanto que caminhar.

À minha irmã Maurilene Gomes do Nascimento por sua inteligência e beleza interior. Por ser iluminada de energias positivas.

À Ruth Oliveira por sua amizade, pelas boas conversas e principalmente por sua força interior desmedida.

À Lucineide Alves por sua sensibilidade, sutileza e bondade, pois quando eu mais precisava e não podia falar, ela conseguia naquele momento me decifrar. Ela também compartilhava seus momentos comigo.

À Rocilene Alves por sua amizade, sinceridade e confidências. Só nós sabemos quantos universos foram e são movidos para que estivéssemos na UFC.

À Yasodaria Mota, pela sua amizade e por não medir barreiras para ajudar o próximo. Fez-me conhecer a possibilidade de construir elos de amizades além da minha família.

Aos colegas de jornada: Francisca Jamília, Vanessa, Cibele Monteiro, Mônica, Aldo Lourenço, Denisia Cavalcante, Ariadne Molina, José Emanuel, Lidiana Vieira, Wallysson Abreu, Dayanilda, Hélio, Jacinta, Ivana, Alexandre Medeiros, Juliana Jacaúna, Maiara Castro, Paula Moura, Mara Paula, Carol Bessa, Thuany, Beatriz, Ana Maria, Talita. Muito obrigada.

À Maria José Albuquerque da Silva por sua confiança em me orientar, e pela amizade construída durante esses anos no curso de Pedagogia, no qual conheci uma mulher forte, guerreira e principalmente humana.

À professora Ana Paula de Medeiros Ribeiro e ao professor Rui Rodrigues de Aguiar, por terem aceitado o convite para a banca e por suas contribuições.

Aos professores da escola pesquisada, que se dispuseram a participar e colaborar com esta pesquisa.

“O importante não é o que fizeram de nós, mas o que nós próprios faremos com aquilo que fizeram de nós”. (Jean Paul Sartre).

## RESUMO

A presente monografia aborda sobre a temática “A atuação docente e a prática de leitura e escrita no 3º ano do ensino fundamental: limitações e perspectivas de ação”, e tem o intuito de investigar acerca de olhares de docentes em relação a esta série do 3º ano do Ensino Fundamental. O estudo está fundamentado em autores, dentre os quais se destacam: Luís Carlos Cagliari (2001), Paulo Freire (2003), Magda Soares (1998) e Emília Ferreiro (2001). A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada de forma a constituir abordagens resultantes de análise de diário de campo, de questionário respondido pelos docentes participantes e dados coletados sobre a comunidade de uma escola pública de Fortaleza. Após esta etapa, foi realizada a análise das respostas dos docentes em relação ao questionário. Então, foi possível constatar, na aplicação do questionário, segundo a visão docente, que há dificuldades e limitações que surgem em relação à prática de leitura e escrita de alunos em processo de alfabetização; além disso também houve a elaboração de um diário de campo e conversas informais com professores e alunos. Dessa forma, a pesquisa, a partir do referencial teórico e da análise dos resultados, permitiu identificar e refletir a respeito de dificuldades que os alunos enfrentam para serem alfabetizados, bem como a existência de perspectivas e possibilidades presentes nas salas de aulas. Por fim, constatou-se que a prática da leitura e da escrita no processo de alfabetização dos alunos no 3º ano do ensino fundamental na escola pública requer engajamento e compromisso pedagógico dos docentes em conjunto com a família, bem como depende de políticas públicas que valorizem ações e projetos que invistam na melhoria da educação e do ensino.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Pesquisa. Leitura. Escrita.

## RESUMEN

Este artículo se centra en el tema "La práctica de la enseñanza y la práctica de la lectura y la escritura en el 3º año de la escuela primaria: perspectivas y limitaciones de la acción", y tiene como objetivo investigar acerca de la apariencia de los maestros con respecto a esta serie, 3º año la Escuela Primaria. El estudio se basa en autores, entre los que destacan: Luís Carlos Cagliari (2001), Paulo Freire (2003), Magda Soares (1998) y Emilia Ferreiro (2001). La investigación cualitativa se llevó a cabo de una manera que constituye enfoques resultantes de análisis de un diario de campo, un cuestionario respondido por los participantes y los profesores recogieron datos sobre la comunidad en una escuela pública en Fortaleza. Después de este paso, se llevó a cabo el análisis de las respuestas de los docentes en relación con la encuesta. Se estableció en el cuestionario, de acuerdo con la opinión de la enseñanza, que hay dificultades y limitaciones que se plantean en relación con la práctica de la lectura y escritura de los estudiantes en el proceso de alfabetización; Además había también el desarrollo de un diario de campo, y las conversaciones informales con los profesores y los estudiantes. La investigación, desde el marco teórico y el análisis de los resultados permitió identificar y reflexionar sobre las dificultades que enfrentan los estudiantes con el fin de saber leer y escribir, así como la existencia de perspectivas y posibilidades presentes en las aulas. Por último, se encontró que la práctica de la lectura y la escritura en el proceso de alfabetización de los estudiantes en el 3º año de la educación primaria en la enseñanza de la escuela pública requiere la participación y el compromiso de los profesores junto con la familia y depende de las políticas públicas que incorporen acciones y proyectos que inviertan en una mejor educación y la enseñanza.

**Palabras clave:** Alfabetización. Investigación. Lectura. Escritura.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Criança lendo.....	16
Figura 2 - Imagem de Paulo Freire.....	24
Figura 3 - Fachada do prédio da escola pesquisada.....	3
Figura 4 - Uma lupa.....	41

## LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Distribuições das modalidades na escola pesquisada.....	39
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento de Estudos Especializados
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FACED	Faculdade de Educação
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.396/1996
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério da Educação
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
SENADE	Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UVA	Universidade do Vale do Acaraú

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1	<b>Apresentação</b> .....	15
1.2	<b>Justificativa</b> .....	17
1.3	<b>Problemática</b> .....	19
1.4	<b>Objetivos</b> .....	22
1.5	<b>Estrutura do trabalho</b> .....	22
2	<b>PERSPECTIVATEÓRICA DO ESTUDO</b> .....	23
2.1	<b>O olhar de Freire sobre a educação na sociedade</b> .....	24
2.2	<b>A perspectiva legislativa da educação</b> .....	26
2.3	<b>Panorama sobre a alfabetização</b> .....	27
2.4	<b>Sobre alfabetização e letramento</b> .....	31
3	<b>ABORDAGEM METODOLÓGICA, ÍNICIO DA INSERÇÃO NO CAMPO E DA ANÁLISE DE DADOS</b> .....	34
3.1	<b>Métodos utilizados na pesquisa</b> .....	34
3.2	<b>Os instrumentos para coleta de dados</b> .....	36
3.3	<b>Informações sobre a escola e seus sujeitos: estrutura física e administrativa</b> .....	38
3.4	<b>Um olhar sobre a estrutura física da escola</b> .....	41
3.5	<b>A caracterização do bairro no qual a escola está inserida</b> .....	42
3.6	<b>A dinâmica das salas de aulas investigadas, segundo a minha visão discente</b> .....	43
4	<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DECORRENTES DA PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	46
4.1	<b>Quanto aos docentes do 3º ano do Ensino Fundamental em termos acadêmico e profissional</b> .....	46
4.2	<b>O olhar docente sobre as dificuldades da aquisição da leitura e da Escrita no 3º ano do Ensino Fundamental</b> .....	49
4.3	<b>A fundamentação teórica utilizada pelo docente em relação à aquisição da leitura e da escrita</b> .....	53
4.4	<b>As dificuldades das crianças em interpretar texto segundo o olhar docente. E qual sua ação de trabalhos para estas questões</b> .....	55

4.5	<b>De que modo o vínculo familiar afeta a influência, o desenvolvimento e aprendizado da criança, segundo o olhar docente.....</b>	<b>56</b>
4.6	<b>Metodologias, ações e estratégias para despertar e promover a criatividade da aquisição da leitura e da escrita em sala de aula .....</b>	<b>57</b>
4.7	<b>De que modo geral a escola pode colaborar com esta aquisição. E a família qual o seu papel nesse assunto .....</b>	<b>59</b>
5	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>61</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>
	<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES .....</b>	<b>66</b>
	<b>APÊNDICE B - INDICADORES DA ESCOLA .....</b>	<b>69</b>
	<b>APÊNDICE C - DIÁRIO DE CAMPO.....</b>	<b>71</b>
	<b>APÊNDICE D - DIAS DE VISITA NA ESCOLA .....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Figura 1 – Criança lendo



Fonte<sup>1</sup>

Este trabalho se refere à pesquisa realizada com docentes do 3º ano do Ensino Fundamental sobre as dificuldades apresentadas por seus alunos em relação a aquisição da leitura e escrita.

### 1.1 Apresentação

O ponto de partida para esta produção monográfica foi a questão referente aos desafios que os docentes têm em relação à alfabetização das crianças dos anos iniciais, especificamente alunos que cursam o 3º ano em uma escola municipal de Fortaleza. Assim, com este trabalho pretendi suscitar uma reflexão crítica quanto à temática.

Então, procurei investigar os motivos das limitações apresentadas por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental em relação à aquisição da leitura e escrita, buscando entender o que tem provocado tais dificuldades.

---

<sup>1</sup>Disponível

em: <http://www.bing.com/images/search?q=crian%C3%A7a+lendo&qs=n&form=QBIRMH&pq=crian%C3%A7a+lendo&sc=8-13&sp=-1&sk=>>. Acesso em 28 ago. 2014.

Desse modo, elegi como principal fundamentação teórica os pressupostos elaborados pelo educador pernambucano Paulo Freire, esse autor descreve que o educador ao ensinar:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. (FREIRE, 1996, p. 64).

Percebe-se que os escritos de Freire suscitam reflexões acerca do agir docente em sala de aula, não devendo este se limitar à transmissão dos conteúdos, despejando-os sobre os educandos, mas lançando sobre eles um olhar acolhedor, conhecedor, valorativo, procurando conhecê-los, visto que serão parceiros nos processos de ensino e aprendizagem.

Também me fundamentei em Magda Soares (1998), que postulou sobre letramento. Em sua obra, a autora esclarece os motivos pelos quais esses educandos do 3º ano do ensino fundamental são considerados analfabetos funcionais. De acordo com Soares (1998, p. 36, grifo do autor),

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido que tem *literate em inglês*). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer o uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever pratica a leitura e a escrita.

À medida que aprofundava nas reflexões, o interesse pela problemática foi se tornando mais latente, o que contribuiu também para entender a necessidade de me dedicar à pesquisa, a fim de compreender as dificuldades existentes em sala de aula.

Procedi com observações *in loco*, com o olhar de discente para com os professores em suas salas de aula, no trabalho por eles desempenhado junto aos educandos e que dizem respeito aos processos de aquisição da leitura e escrita.

A pesquisa foi qualitativa, tendo em vista a subjetividade do objeto de estudo, tomando como instrumentos para coleta de dados a observação das aulas e a aplicação de um questionário semiestruturado às docentes do 3º ano de uma escola pública de Fortaleza. As observações ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2014 nos turnos matutino e vespertino. Em outubro de 2014 apliquei o questionário às docentes.

A observação foi realizada na escola-campo e para analisar o tema desta pesquisa, foi utilizado um diário de campo (onde os dados foram organizados, interpretados e analisados) que está anexado no apêndice da monografia.

Com muita satisfação, vivenciei cada momento dessa pesquisa monográfica, na compreensão de que a práxis docente deve estar comprometida com as crianças, com o desenvolvimento destas no que diz respeito à leitura e à escrita, pois não basta ler palavras, é necessário que os educandos compreendam o sentido destes vocábulos, conforme os contextos. O aluno que apenas lê uma frase sem entender seu sentido, sem interpretá-la é como uma pessoa que possui apenas uma peça de um quebra-cabeças, e de que adianta esta, se o todo estiver velado ao jogador?

Sendo assim, espero que as reflexões suscitadas neste trabalho, possam contribuir com a busca de soluções para os problemas relacionados aos processos de aquisição da leitura e da escrita.

## **1.2 Justificativa**

O interesse pelo tema surgiu a partir de uma inquietação minha em querer saber por qual motivo as crianças que estudam no 3º ano do Ensino Fundamental, em geral, não desenvolvem um interesse pela leitura e escrita, habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Tal situação foi detectada quando, no ano de 2012, participei de uma bolsa-projeto no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) chamado Palavra de Criança. Naquela ocasião, tive a oportunidade de aplicar um pré-teste previsto no projeto aos alunos de três escolas públicas do município de Fortaleza. Ao concluir a atividade, os resultados apresentados e as observações possibilitaram constatar que alunos tinham uma grande dificuldade de ler e interpretar os textos, mesmo os bem pequenos e bastante ilustrados.

Desde então, surgiu uma preocupação com o aprendizado de crianças que chegam ao 3º ano do ensino fundamental com tantas limitações em relação à leitura e à escrita, mesmo sabendo que existem muitas perspectivas de ação e desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas enriquecedoras da aprendizagem.

Dessa maneira, procurei compreender melhor algumas questões referentes à alfabetização e ao letramento, entre elas: como a criança aprende e como realizar sondagem para saber em qual nível da leitura e escrita ela se encontra. Para tanto, nos encontros de formação em grupo foram debatidos alguns autores para adquirirmos uma base teórica, tais como Freire (1984), Ferreiro<sup>2</sup> (2001), Teberosky<sup>3</sup> (1999). Nessas ocasiões, todos os membros participavam, ainda, de uma oficina para entender como elaborar as questões do pré-teste. Durante o bolsa-projeto ocorriam encontros de formação em grupo, nestes ocorriam debates e reflexões fundamentados em vários teóricos, tais como: Freire (1996), Ferreiro e Teberosky (1999).

Assim, o projeto de monografia além de se mostrar relevante como pesquisa dentro da academia, expõe sobre problemas de escrita e leitura que envolvem e dificultam a aprendizagem de crianças na sala de aula, o projeto também é útil para a sociedade, uma vez que a abordagem da pesquisa evidencia a situação alarmante da educação no ensino fundamental e se preocupa com o aprendizado efetivo em sala de aula. Também entendi que o tema em questão vai além dos muros acadêmicos, razão pela qual há um grande interesse social.

Pois, não adianta apenas ler, pesquisar uma questão tão dinâmica e importante, objeto de estudo deste projeto, mas é necessário também ir a campo,

---

<sup>2</sup> Emilia Beatriz María Ferreiro Schavi nasceu na Argentina em 1936. Doutorou-se na Universidade de Genebra, sob a orientação do biólogo Jean Piaget, cujo trabalho de epistemologia genética (teoria do conhecimento centrada no desenvolvimento natural da criança) ela continuou, estudando um campo que o mestre não havia explorado: a escrita. A partir de 1974, Emília desenvolveu na Universidade de Buenos Aires uma série de experimentos com crianças que deu origem às conclusões apresentadas em *Psicogênese da Língua Escrita*, assinado em parceria com a pedagoga espanhola Ana Teberosky e publicado em 1979. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Emilia\\_Ferreiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Emilia_Ferreiro). Acesso em 28 ago. 2014

<sup>3</sup> Ana Teberosky é uma das pesquisadoras mais respeitadas quando o tema é alfabetização. Doutora em psicologia e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Barcelona, ela também atua no Instituto Municipal de Educação dessa cidade, desenvolvendo trabalhos em escolas públicas. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/debater-opinar-estimulam-leitura-escrita-423497.shtml>. Acesso em 28 ago. 2014

investigar, entrevistar, analisar as opiniões da comunidade escolar (professores, coordenadores, secretários, diretor, zeladores e outros).

Diante do exposto, é visível perceber a contemporaneidade deste tema monográfico, pois sei que a prática da leitura e escrita foi e ainda é um tema de grande preocupação nas instituições escolares, uma vez que muitos alunos ainda não conseguem avançar o suficiente como detentores da aquisição da leitura e escrita, configurando-se como uma necessidade e uma barreira a ser superada no espaço escolar.

A pesquisa tem como objetivo contribuir para ampliar os estudos sobre as limitações e perspectivas de ação da leitura e da escrita, proporcionando um panorama investigativo sobre a realidade de crianças que não possuem a alfabetização absoluta no ensino fundamental, especificamente o 3º ano do Ensino Fundamental.

Nesta perspectiva, espero que esse trabalho possa se tornar mais uma fonte de pesquisa para graduandos do Curso de Pedagogia, leitores, pesquisadores de outras áreas do conhecimento, enfim, a todos que vejam a educação como meio que pode contribuir para tornar a sociedade cada vez mais letrada, cidadã e, sobretudo, emancipada.

A seguir, abordarei a problemática acerca do objeto de pesquisa, bem como seus objetivos geral e específicos.

### **1.3 Problemática**

Segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), o 3º ano do ensino fundamental é a série considerada limite para a concretização da alfabetização. Porém, percebi que há uma distância abismal entre a meta estipulada e a realidade em sala de aula. Em matéria jornalística da Agência Brasil, do dia 25/06/2013, a repórter Camila Maciel (2013, p. 1) informa que:

Mais da metade (55,4%) dos alunos do 3º ano do ensino fundamental no país não leem e não interpretam um texto de forma correta, segundo informações da 2ª Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização, a Prova ABC, divulgada hoje (25) pelo movimento Todos pela Educação. Os dados mostram que 44,5% dos estudantes atingiram pontuação acima do nível 175, que indica proficiência adequada em leitura.

Esses dados estatísticos apresentados revelam uma situação estarrecedora sobre o nível de analfabetismo no Brasil, cujo desafio para superá-lo é gigantesco. Assim, é necessário que o Estado reveja urgentemente as políticas públicas de educação voltadas para o ensino fundamental, analise as metodologias de alfabetização aplicadas em sala de aula e tente encontrar soluções cabíveis para superar as deficiências e dificuldades surgidas nesse cenário. Para tanto, deverá envolver todos os parceiros dos processos de alfabetização, considerando e valorizando a contribuição de todos para suplantar as dificuldades que se apresentam.

Diante do exposto, considero oportuno apresentar o projeto Palavra de Criança, que consiste na aplicação de testes da língua portuguesa<sup>4</sup> às crianças que estudam no 3º ano do Ensino Fundamental em escola pública e cujos resultados demonstram que esses alunos são considerados iletrados.

Diante desse cenário, germina a problematização do referido estudo, que nos permite refletir sobre as perguntas que nortearão a construção e desenvolvimento deste projeto, cuja preocupação é analisar as limitações e perspectivas da leitura das crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, buscando compreender o que significa educação hoje e qual a relação entre leitura e escrita nas vidas dessas crianças.

Para essa análise, é necessário considerar os conhecimentos que os estudantes têm e levam para a instituição escolar, logo é essencial que os educadores compreendam isso. Sobre isso, Rego (2002, p. 108) assim declara:

A escola desempenhará seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe (o conhecimento que ela traz de seu cotidiano, suas ideias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas “teorias” acerca do que observa no mundo), ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, na linguagem vygotskiana, incidir na zona de desenvolvimento potencial dos educandos. Desta forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar, passando a construir a base que possibilitará novas aprendizagens.

Conforme a autora, é preciso que os professores compreendam a necessidade de superar o tradicionalismo na educação, visto que este enrijece o conceito de ensino, pois apresenta o docente como única fonte de conhecimento, detentor dos saberes. Para isso, eles precisarão se voltar para uma educação mais humanizada, que valoriza e considera os saberes, as vivências dos educandos.

---

<sup>4</sup> Eram questões de português que iriam avaliar as crianças, como estava sua aquisição de leitura e escrita.

Porém, diante do tradicionalismo educacional, as propostas de Freire, Cagliari, Soares, Ferreiro e Teberosky surgem como contrapontos e, à luz de cada uma, todo o engessamento educacional é desconstruído, possibilitando o surgimento de uma educação emancipadora, participativa, inclusiva, investigativa e comprometida com a sociedade.

Durante a construção do projeto surgiram as seguintes perguntas que se inserem no contexto norteador da pesquisa:

- Segundo o olhar docente, quais limitações/dificuldades e perspectivas de ação são visíveis por eles quanto ao aprendizado do educando em termos de leitura e escrita?
- De que maneira a escola e a família influenciam nos processos de avanços e recuos referentes ao aprendizado dos alunos, no que se refere a aquisição da leitura e escrita no 3º ano do Ensino Fundamental?
- Quais atividades são mais trabalhadas na escola visando o desenvolvimento da leitura e da escrita?

Estas foram algumas perguntas que surgiram ao longo do trabalho, permeadas pela preocupação de (re) pensar e analisar, visando entender um pouco mais essas dificuldades em sala de aula.

Esse estudo aborda questões sobre as limitações de leitura dos alunos que estão no 3º ano do Ensino Fundamental. Dessa maneira, a pesquisa constitui uma investigação sobre diversos fatores (família, gestor educacional, políticas públicas, estrutura física da escola e outros) que favorecem ou dificultam o processo de leitura e escrita dos alunos, segundo o olhar das docentes participantes, que expuseram as razões pelas quais algumas crianças que cursam o 3º ano têm dificuldades de leitura, pois segundo o (PNAIC)<sup>5</sup> o 3º ano é a série considerada limite para a alfabetização ser concretizada. A questão foi investigar se nessa série os alunos realmente alcançam essa meta.

---

<sup>5</sup> É um programa integrado criado pelo Governo Federal, cujo objetivo é a alfabetização em Língua Portuguesa e Matemática, até o 3º ano do Ensino Fundamental, de todas as crianças das escolas municipais e estaduais, urbanas e rurais, brasileiras.

## 1.4 Objetivos

Diante do exposto, tem-se como objetivos:

- Geral:

- Analisar a atuação docente em relação às práticas de leitura e escrita dos alunos no 3º ano do Ensino Fundamental, sob a visão docente, identificando limitações e perspectivas de ação, a fim de evidenciar caminhos para superar as dificuldades e enfrentar desafios em prol do aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

- Específicos:

Para um aprofundamento minucioso e comprometido com a qualidade da pesquisa, foi essencial a busca de objetivos específicos para que tornem esta análise mais expressivamente consolidada, desse modo se enumeram na seguinte sequência:

- Evidenciar pressupostos teóricos que fundamentam a atuação docente em sala de aula, no que diz respeito à aquisição da leitura e escrita dos alunos;
- Pontuar aspectos positivos e negativos relacionados às metodologias vivenciadas pelo docente em sala de aula;
- Identificar qual a importância atribuída à leitura e a escrita, segundo as docentes, para a vida de seus educandos, pontuando estratégias metodológicas mais adotadas em salas de aulas.

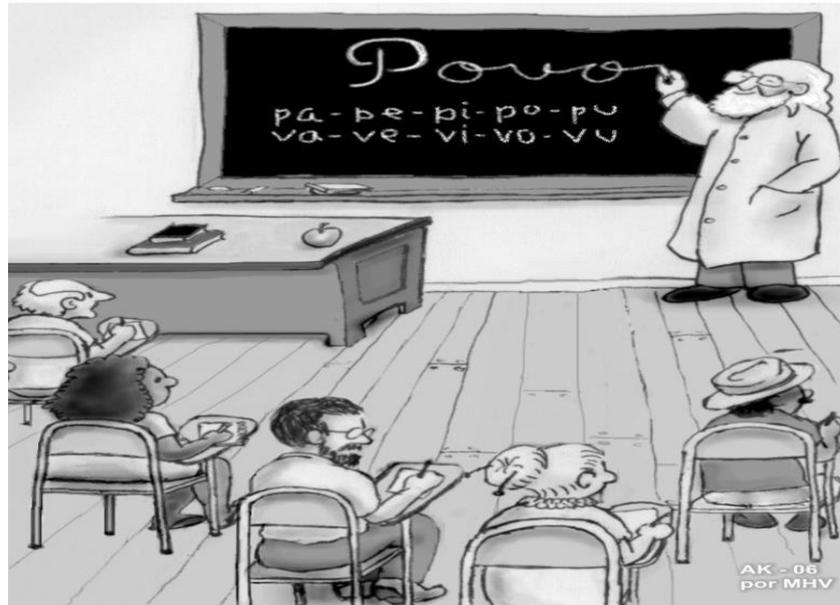
## 1.5 Estrutura do trabalho

Para fins de organização, o trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro trata da introdução da monografia; o segundo aborda o referencial teórico, o tipo de pesquisa, sujeitos e instrumento da pesquisa; o terceiro apresenta a metodologia; e o quarto capítulo apresenta os resultados e as análises dos dados, seguindo das considerações, referências e apêndices.

No próximo capítulo, serão abordadas as fundamentações teóricas que embasam este trabalho.

## 2 PERSPECTIVA TEÓRICA DO ESTUDO

Figura 2 – Imagem de Paulo Freire



Fonte<sup>6</sup>

Como pontapé inicial deste referencial, trago as linhas de escritos de Paulo Freire, para que possamos refletir o ato docente, a saber: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 1983, p. 96).

Este capítulo apresenta o suporte teórico e embasamento da pesquisa monográfica. Além de Freire, foram utilizados como referenciais teóricos Emília Ferreiro (2001), Luiz Carlos Cagliari (2007), Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) e Magda Soares (1998), os quais contribuem para fundamentar a discussão sobre a temática e os desafios encontrados por docentes e alunos do 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública, em relação à prática da leitura e da escrita.

<sup>6</sup>Disponível:(<http://www.bing.com/images/search?q=desenho+de+paulo+freire&qs=n&form=QBIRMH&pq=desenho+de+paulo+freire&sc=1-23&sp=-1&sk=>) 28/08/14 às 15:28hs.

## 2.1 O olhar de Freire sobre a educação na sociedade

Por que estudar Paulo Freire hoje? A resposta para este questionamento não se limita a sua elevada contribuição literária, mas está em seu engajamento em prol de uma educação emancipadora e formadora de cidadãos.

Diante da influência desse grande vulto da educação, direcionei a pesquisa para a leitura e a escrita, pois Freire teve como meta combater não só o analfabetismo, mas também a alfabetização funcional, ou seja, aprender a escrever somente o nome.

Dentro da imensa contribuição literária deixada por Freire, destaco algumas obras, a saber: Educação como prática da liberdade (1983); A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam (1984); Alfabetização e conscientização (1984); Professor sim, tia não (1993); Pedagogia da Autonomia (1996).

Quanto ao seu engajamento no mundo da educação, Freire trouxe um novo conceito de educação que rompia os moldes da inércia apresentando para a sociedade uma educação humanizada, dinâmica e engajada com os interesses sociais.

A partir dessa perspectiva, a educação está voltada para crianças, adolescentes e adultos, pois, em seu sentido amplo, este público merece respeito e os docentes têm como obrigação ajudá-los a se tornarem homens e mulheres que têm a capacidade de superar fracassos e obstáculos presentes na vida cotidiana. Segundo Freire (1993, p. 51),

A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de uma formação. Ajudamo-los ou prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas, podemos também, com nossa responsabilidade, preparo científico e o gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presença marcantes no mundo. Em suma, ainda que não possamos afirmar que aluno de professor incompetente e irresponsável é necessariamente incapaz e faltoso de responsabilidade ou que o aluno de professor competente e sério é automaticamente sério e capaz, devemos assumir com honradez nossa tarefa docente, para o que nossa formação tem que ser levada em conta rigorosamente.

Desse modo, Freire não só reconceituou o que se entendia por educação, mas também repensou com um novo olhar sobre o educando, ou seja, sobre quem recebe esta educação.

Sendo assim, a educação bancária, que tem como foco um aprendizado no qual o professor deposita o conteúdo no aluno, Freire já nos faz refletir, através de suas obras, que é possível um novo educar, trazendo como foco as vivências, experiências e a cultura familiar do educando.

A partir desta perspectiva, o estudante vem a uma sala de aula não como uma tabula rasa, mas como um indivíduo conhecedor de suas vivências e o educador tem que valorizá-las ao longo da vida.

Assim, a pedagogia freireana ressoa até hoje dentro do universo educacional como fonte inspiradora para docentes que acreditam que pode haver trocas de experiências entre educador e educando, pois o docente que reconhece o valor de trabalhar em sala de aula com estas vivências são educadores que acreditam no potencial do seu educando.

Por isso, a educação para Freire (1984) é um exercício de liberdade, é fazer o educando emancipador de suas ideias, capaz de compreender e de se comunicar na sociedade. Sendo assim, o seu conceito de educação se torna atual porque não se restringe apenas a um método pedagógico inovador, mas abrange o conceito de humanização, preocupa-se com uma educação que alcance todos os níveis sociais, respeitando a individualidade de cada educando.

Por essa razão, a visão freireana de educação é pertinente nesse trabalho, uma vez que se pretende abordar a prática de leitura e escrita com crianças do 3º ano que estudam em escola pública, evidenciando suas limitações e possibilidades de ação, as quais são, em sua maioria, pertencentes às classes sociais menos favorecidas e cuja bagagem cultural e trajetória de vida tem sido historicamente desvalorizada e desrespeitada nos currículos escolares. Além disso, segundo os docentes entrevistadas, a maioria dessas crianças vêm de famílias que cuja estrutura educacional é de analfabetos não sendo a educação valorizada neste meio familiar. Assim, não raro, tem sido considerado “errado” ou inferior o modo de falar, de pensar e de agir destes, exaltando-se de forma clara, como o “correto” e legítimo, seja nos livros didáticos ou seja nos valores e comportamentos disseminados, as culturas das classes sociais mais favorecidas.

Em face disso, um dos fatores e consequências a se notar é a tendência de aumentar, ainda mais, as limitações dos alunos oriundos dos meios sociais mais pobres, de bairros à margem da sociedade, onde as crianças ficam à mercê da violência, falta de água, às doenças, como a dengue, por exemplo.

Desse modo, esses fatores acarretam na impossibilidade de uma formação intelectual digna, tornando os educandos vítimas dessa realidade em que estão imersos, reduzindo dessa maneira suas possibilidades de êxitos em relação ao seu desenvolvimento e aprendizado.

Com isso, vai se tornando cada vez mais distante o ideal de uma educação emancipatória e formadora de cidadãos, conforme preconizado por Freire.

## **2.2 A perspectiva legislativa da educação**

Neste item há uma preocupação em explicitar a importância da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.396/1996 (BRASIL, 1996), também conhecida como Lei Darcy Ribeiro<sup>7</sup>, criada para regulamentar e organizar a educação brasileira. No mês de dezembro do ano de 1996, esta lei foi aprovada. É constituída de 92 artigos que versam desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Sabendo que o 3º ano faz parte do Ensino Fundamental, é interessante ressaltar aqui o Art. 32 da LDB (JUSBRASIL, 2014), o qual diz que esse ensino deve promover:

1. O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.
2. A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.
3. O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes, de valores.
4. O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O tópico 1 chama atenção por afirmar que os alunos têm que possuir a capacidade e o domínio do aprendizado da leitura e do cálculo, sendo que nesta série se observa as dificuldades que os alunos sentem de adquirir o conhecimento dos

---

<sup>7</sup> Educador e político brasileiro—um dos principais formuladores da educação.

cálculos da matemática, dificuldades estas que já possuem um vínculo com o analfabetismo.

Outro tópico que faz refletir é o 4, em que é abordado a importância da participação da família. E remete a perceber um vínculo indispensável que entrelaça família e escola, pois se acredita que esta, que anda lado a lado com a família do educando, possui, em tese, bem mais condição para colaborar não só a nível individual com o educando mas com todo seu contexto familiar.

Quanto a abordagem dos conhecimentos em matemática, fui levada a perceber que, conforme minhas observações e conversas com as docentes participantes da pesquisa, as crianças não dominam os cálculos e os problemas matemáticos por não saberem ler e interpretar o que o problema pede na questão.

Por tudo isso, faz-se necessário que, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o aluno adquira o pleno domínio da leitura e da escrita, visto que, segundo a LDB (BRASIL, 1996), é neste período que os alunos possuem condições favoráveis para adquirir o desenvolvimento da escrita e de cálculos.

### **2.3 Panorama sobre a alfabetização**

A alfabetização surgiu da necessidade da condição humana de se comunicar com seus semelhantes, pois alfabetizar foi um dos passos mais importantes dentro da sociedade, encontrar símbolos que pudessem transmitir mensagens para diversas pessoas em diversos lugares.

Porém, encontrar métodos de ensino alfabetizador se tornou um desafio, pois a aprendizagem da leitura e da escrita depende substancialmente da metodologia empregada sobre o educando, uma vez que existem métodos que priorizam uma alfabetização mecânica, isto é, onde a leitura não ultrapassa os limites da significação superficial das palavras.

Assim, na década de 1940 estudiosos perceberam e passaram a refletir em relação ao sentido único das sílabas, no qual educadores alfabetizavam mecanicamente seus educandos, ou seja, valorizando uma alfabetização dissociada da prática, com o estudo silábico isolado em sala de aula, que acarretava consequência, visto que dissociava o som da significação e, portanto, criava uma distância abismal entre a leitura e a fala.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999, p. 22), no livro *Psicogênese da língua escrita*,

Estes princípios não são expostos somente como posturas metodológicas, mas correspondem também a concepções psicológicas precisas. Com efeito, ao enfatizar as discriminações auditivas e visuais e a correspondência fonema-grafema, ao processo de aprendizagem da leitura é visto, simplesmente, como uma associação entre as respostas sonoras a estímulos gráficos. Este modelo, que é o mais coerente com a teoria associacionista, reproduz, em nível da aprendizagem da escrita, o modelo proposto para interpretar a aquisição da linguagem oral (como veremos mais adiante). Da linguística também recebeu justificativas que lhe servem de base. Em particular, a linguística Bloomfield<sup>8</sup> (1942), ao se ocupar do problema afirma: “A causa principal das dificuldades de compreensão do conteúdo da leitura é o domínio imperfeito da mecânica da leitura”. E, em seguida acrescenta: “o primeiro passo, que pode ser separado dos subseqüentes, é o reconhecimento das letras. Dizemos que uma criança reconhece uma letra quando pode, mediante solicitação, dar uma resposta específica diante dela.” A psicologia, a linguística e a pedagogia pareciam, então em acordo ao considerar a leitura inicial como puro mecanismo.

Ainda conforme Ferreiro e Teberosky (1999, p. 19, grifo das autoras),

Não podemos esquecer, porém, que a alfabetização tem duas faces: uma relativa aos adultos, e outra, relativa às crianças. Se em relação aos adultos trata-se de sanar uma carência, no caso das crianças trata-se de prevenir, de realizar o necessário para que essas crianças não se convertam em futuros analfabetos. Ambas as tarefas são responsabilidade do estado que – como membro das Nações Unidas – aceitaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). O artigo 26 dessa declaração fala do direito à educação: “Todo o indivíduo tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, ao menos no que se refere ao ensino elementar é obrigatório.”

Nesse trecho, as autoras ainda ressaltam a importância da educação de qualidade justa, eficaz e igualitária como uma prioridade para qualquer nação que anseia por cidadãos conscientes e capazes de transformar positivamente a realidade social, política e econômica no espaço em que vivem. Uma vez que somente em 1962 ocorreram as primeiras mudanças referente ao nosso modo de compreender e pensar a aquisição da língua oral da criança.

Também nesse apontamento há apresentação da alfabetização quanto à aquisição da escrita das crianças, tema instigante, bastante persistente nas salas de

---

<sup>8</sup>Filólogo estadunidense nascido em Chicago, Illinois, considerado o fundador da linguística estrutural nos Estados Unidos e cujas teorias formaram uma das bases sobre o assunto. Fundou a Sociedade Linguística da América (1924) e iniciou-se como pesquisador de línguas indo-europeias e depois em ameríndias, especializando-se na fala como um fenômeno e na linguística diacrônica. Também interessou-se por questões pedagógicas e desenvolveu diversos sistemas para o ensino da leitura e de línguas estrangeiras. Nomeado professor de linguística em Yale (1940) ficou nessa função até a morte.

aula, pois é possível perceber que os educandos nas séries iniciais sentem dificuldades para aprender a ler na idade adequada.

Então, o sentido pleno de uma pessoa ser alfabetizada é entender a palavra que lê e escreve decifrando seus sentidos, desvelando suas nuances, pois ler é tornar-se capaz de enxergar o que fica nas entrelinhas das mensagens codificadas. Desse modo, segundo Freire (1984, p. 21),

Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como faço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentindo e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente de ler caneta. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.

Portanto, Freire entendia a alfabetização sobre o aluno de uma maneira que esse alfabetizando pudesse manusear o objeto no qual estaria perto de decifrá-lo, conseguindo entender o seu sentido e significado de modo claro e pertinente.

Já a autora Emília Ferreiro (2000, p. 9) afirma o seguinte, convergindo com o ideal freireano,

Tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de “prontidão” da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido se caracterizados em que se leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem.

Ferreiro também nos remete a refletir sobre a prática pedagógica não ser neutra em conceber o processo de aprendizagem, pois de acordo com a autora estas práticas “[...] todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”. (FERREIRO, 2000, p. 31). Já que aquisição da escrita e da leitura estão dentro do processo de alfabetização, tornou-se portanto necessário apresentar os diferentes conceitos sobre a alfabetização.

Para Cagliari (2009, p.10), pesquisador dos problemas linguísticos da alfabetização,

A alfabetização é, sem dúvida, o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção de escrita foi o momento mais importante para a História da humanidade, pois somente através dos registros escritos o saber acumulado pôde ser controlado pelos indivíduos.

É possível perceber que a abordagem do autor demonstra o quanto a alfabetização é importante para o indivíduo e para a história da humanidade. Cagliari (2009) ainda enfatiza em seu livro que este saber acumulado tem sido uma das maiores fontes de poder para a sociedade, legitimando e perpetuando as classes dominantes, ressaltando que a igualdade de chances entre os que não têm poder acumulativo de dinheiro seria preocupante para a sociedade de poder aquisitivo.

Ainda na visão de Cagliari (2009), se esta camada sair da ignorância através da educação cai a obediência e a submissão, e os ricos, que tinham exclusividade sobre esta educação e o poder de mandar, ficariam todos no mesmo patamar que os mais pobres, historicamente pertencentes às classes menos favorecidas, pois conforme o autor,

Por que todos os indivíduos não passaram a serem alfabetizados desde o momento em que se inventou a escrita? Porque isso representaria o compartilhamento do saber do poder e do poder do saber. A igualdade de chances se tornaria perigosa demais para os que quisessem mandar e ter quem lhes obedecer. Nada melhor do que a ignorância para gerar a obediência cega, a subserviência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana. (CAGLIARI, 2009, p. 10)

E como bem ressalta o autor, a educação sempre foi elitizada causando a cisão entre os dominantes e dominados, por isso é importante refletir sobre a possibilidade de se construir uma educação igualitária, voltada a unir classes sociais diferentes. Pensar em um mundo onde todos possam ter acesso a uma educação de ensino e de aprendizagem de qualidade, emancipadora.

## 2.4 Sobre alfabetização e letramento

Magda Soares reflete que a alfabetização está voltada no sentido de uma ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, enquanto o letramento está relacionado com as práticas sociais de leitura e escrita. Assim diz Magda Soares (1998, p. 36, grifo da autora):

Há, assim uma diferença entre saber e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido que tem *literate* em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita –que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada não vive no estado ou condição de quem sabe ler ou escrever e pratica a leitura e a escrita.

Diante do exposto, ser alfabetizado é quando o indivíduo se torna capaz de ler, escrever, compreender; porém alfabetizar é apenas parte de um processo maior, pois ter posse da habilidade da leitura torna o alfabetizado uma potência, mas essa potência pode nunca vir a ser usada efetivamente em sua vida, pois existem muitas pessoas que são alfabetizadas, ou seja, possuem uma potencialidade de leitura, mas não praticam. Peço permissão para um trocadilho onde “o pior cego é aquele que não quer ler, mesmo sendo alfabetizado”, desse modo Magda Soares (1998, p. 47) explica:

Assim, teríamos alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Conforme já foi explicitado, alfabetização é importante, mas perde seu brilho, ou melhor, seu sentido e significado, quando não é complementada com o letramento, pois ser letrado significa deixar de ser uma mera potência para se apropriar do desenvolvimento dessa potência intelectual, o letramento não se restringe apenas à leitura, mas é o engajamento do indivíduo em diferentes campos do conhecimento. Melhor dizendo, para ser letrado basta que haja uma relação entre o conhecimento e o indivíduo, pois quando uma pessoa ouve um noticiário, uma

contação de história ou assiste um desenho animado, essa pessoa está diretamente envolvida no mundo da cultura letrada.

Também vale ressaltar que quando uma criança vai para a sala de aula pela primeira vez, esta pode ser analfabeta, porém pode ser que seja letrada quanto à sua relação cognitiva, por exemplo, com a música e/ou com a contação de história em seu dia a dia.

No livro de Soares (1998, p. 41) há um poema muito simples, porém, o mesmo consegue conceituar o entendimento de letramento:

### **O QUE É LETRAMENTO?**

(Kate M Chong<sup>9</sup>)

LETRAMENTO NÃO É UM GANCHO  
EM QUE SE PENCURA CADA ENUNCIADO,  
NÃO É TREINAMENTO REPETITIVO  
DE UMA HABILIDADE,  
NEM UM MARTELO  
QUEBRANDO BLOCOS DE GRAMÁTICA.

LETRAMENTO É DIVERSÃO  
É LEITURA À LUZ DE VELA  
OU LÁ FORA, À LUZ DO SOL.

SÃO NOTÍCIAS SOBRE O PRESIDENTE,  
O TEMPO, OS ARTISTAS DA TV  
E MESMO MONICA E CEBOLINHA NOS JORNAIS DE DOMINGO.

É UMA RECEITA DE BISCOITO,  
UMA LISTA DE COMPRAS, RECADOS COLADOS NA GELADEIRA,  
UM BILHETE DE AMOR,  
TELEGRAMA DE PARABÉNS E CARTAS  
DE VELHOS AMIGOS.

É VIAJAR PARA PAISES DESCONHECIDOS,  
SEM DEIXAR SUA CAMA,  
É RIR E CHORAR  
COM PERSONAGENS, HERÓIS E GRANDES AMIGOS.

É UM ATLAS DO MUNDO,  
SINAIS DE TRÂNSITO, CAÇAS AO TESOURO,  
MANUAIS, INSTRUÇÕES, GUIAS,  
E ORIENTAÇÕES EM BULAS DE REMÉDIOS,  
PARA QUE VOCÊ NÃO FIQUE PERDIDO.

LETRAMENTO É SOBRETUDO,  
UM MAPA DO CORAÇÃO DO HOMEM,  
UMA MAPA DE QUEM VOCÊ É,  
E DE TUDO O QUE VOCÊ PODE SER.

---

<sup>9</sup> Uma estudante norte-americana, de origem asiática, ao escrever sua história pessoal de letramento, define-o em um poema.

Portanto, letramento é como uma semente quando se torna árvore, ou quando um jovem da periferia escolhe ler Manuel Bandeira ao invés de usar drogas, ou quando uma mãe opta por escutar o noticiário, ler o jornal para se manter informada e usando desse conhecimento para mudar sua visão de mundo para compreendê-lo e interpretá-lo, aprendendo a se reconhecer como um sujeito capaz de pensar e de agir de forma significativa e contextualizada.

Nessa perspectiva, alfabetizar-se é ensinar a ler e escrever, letrar é saber fazer uso social da leitura e da escrita. Nesse caso, então, somente a articulação entre ambos os processos, ou seja, alfabetizar letrando, é que se poderá dar conta das necessidades escolares de crianças, jovens e adultos, favorecendo as inúmeras potencialidades e possibilidades existentes na sociedade grafocêntrica em que vivemos.

No capítulo seguinte, será abordado a respeito do percurso metodológico trilhado nesse trabalho.

### **3 ABORDAGEM METODOLÓGICA, INÍCIO DA INSERÇÃO NO CAMPO E DA ANÁLISE DE DADOS**

No presente capítulo apresento os aspectos metodológicos utilizados na pesquisa, começando por expor sobre os espaços físicos da escola, juntamente com as caracterizações do bairro onde ela se localiza e minha visão como pesquisadora sobre o espaço investigado. Em seguida, descrevo os sujeitos participantes e apresento os instrumentos para construção dos dados, bem como o processo de tratamento e sua interpretação a partir do olhar docente sobre questões relativas à temática em foco.

#### **3.1 Métodos utilizados na pesquisa**

O método de investigação adotado no trabalho se baseou em uma pesquisa inicial de cunho investigativo teórico e foi realizado da seguinte maneira: leituras, fichamentos, esquemas, resumos das obras dos autores que fundamentaram a elaboração do projeto.

Mas, apesar de uma metodologia investigativa teórica, o estudo não se limitou apenas aos livros, ultrapassando o universo da ideia e do conceito para alcançar a concretude existencial do saber ler e escrever. Para que esta realidade fosse alcançada, foi necessário ir a campo, ou seja, investigar o espaço físico da escola e a sala de aula, e entrevistar professores que trabalham diariamente no processo de alfabetização.

Assim, foi elaborado questionário (APÊNDICE A), um dos instrumentos utilizados para coleta dos dados, aplicado aos docentes durante a pesquisa de campo. O questionário contém perguntas que foram bastante significativas e contribuíram para a identificação dos fatores que contribuem para analisar as condições reais de

alunos que são alfabetos funcionais<sup>10</sup>, e que precisam de professores compromissados em ajudá-los a se tornarem alfabetos letrados<sup>11</sup>.

Dessa maneira, o método de investigação se baseou em teoria e ação, ou seja, primou pelas práxis, por isso a necessidade de uma investigação qualitativa, assim, como explica Severino (2007, p. 119), esta diz respeito a um

Conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais aos seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.

Segundo Vasconcelos (2007, *apud* CHIZZOTTI *et al.*, 1998, p. 79), a pesquisa de caráter qualitativo presta-se com vantagens à análise de temas educacionais, visto que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva, entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; [...] O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Assim, este método foi escolhido, pois proporciona um maior conhecimento do objeto em foco, em seu contexto, podendo obter, por meio das técnicas utilizadas na pesquisa de campo na escola, o máximo de informações cabíveis no intuito de esclarecer a problemática apresentada.

No entanto, André (2005, p. 17) afirma que a pesquisa qualitativa “[...] defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que levem em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.”

---

<sup>10</sup> Analfabetismo funcional é a incapacidade que uma pessoa demonstra ao não compreender textos simples. Tais pessoas, mesmo capacitadas a decodificar minimamente as letras, geralmente frases, sentenças, textos curtos e os números, não desenvolvem habilidade de interpretação de textos e de fazer operações matemáticas. Também é definido como analfabeto funcional o indivíduo maior de quinze anos possuidor escolaridade inferior a quatro anos letivos, embora essa definição não seja muito precisa, já que existem analfabetos funcionais detentores de nível superior de escolaridade ( SOARES, 1998, p. 19).

<sup>11</sup> Uma pessoa é funcionalmente letrada quando pode participar de todas aquelas atividades nas quais o letramento é necessário para o efetivo funcionamento de seu grupo e comunidade e, também, para capacitá-la a continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo para seu desenvolvimento e de sua comunidade (SOARES, 1998, p 39).

O estudo de caso divide-se em três fases: a exploratória, onde se define as questões iniciais, estabelece contatos para a entrada em campo e os instrumentos de coletas de dados; coleta de dados, onde destaca que há três grandes métodos a serem utilizados, que são: fazer perguntas e ouvir atentamente, observar as aulas, e ler documentos; e análise dos dados, que está presente em toda a pesquisa, mas se torna mais evidente após a coleta de dados, quando o material obtido será analisado.

Desta maneira, pode-se basear as informações na fase de exploração em que se encontra concretizada, onde temos as questões iniciais definidas, o contato com o campo e os instrumentos para coleta de dados preparados, ou seja, observação das atividades desenvolvidas no espaço da pesquisa, na escola determinada pelo pesquisador, conversas informais que enriqueceram os escritos do deste trabalho, o observar do investigador em sala de aula e as entrevistas, sendo este um dos principais instrumentos para coleta de dados.

Os primeiros dados coletados se deram durante as primeiras visitas à escola. Inicialmente foram realizadas observações durante o funcionamento do local investigado, com permeadas pelos diálogos entre pesquisador e sujeitos, seguido de entrevistas semiestruturadas com o intuito de aproveitar as experiências dos profissionais, utilizando o registro de campo para anotações das percepções obtidas no decorrer das visitas, conversas informais com os sujeitos participantes e leitura documental que expressa sua definição e conceituação, seus objetivos, finalidades, dentre outros aspectos relevantes ao estudo.

### **3.2 Os instrumentos para coleta de dados**

A pesquisa começou a ser realizada na segunda quinzena do mês de agosto, precisamente no dia 18/08/2014 e se estendeu até 04/09/2014. Sendo que a primeira visita foi para coletar os dados da estrutura física da escola, onde os profissionais que trabalham na coordenação me passaram os dados, sendo eles: diretor, coordenadores, secretário e professores. A receptividade por parte deles foi bastante acolhedor, o secretário fez a mediação e me forneceu todos os dados necessários.

Então, tendo coletado os dados junto à secretaria na primeira visita, da segunda visita em diante fui para a sala de aula, onde mantive contato mais direto com os sujeitos da pesquisa, ou seja, educadores e educandos, sendo bem acolhida

pelas professoras e os alunos a cada encontro, o que contribuiu para o bom andamento das atividades no campo.

No decorrer das visitas tentei captar tudo registrando as reflexões em meu diário de campo, o qual fiz questão de elaborar por entender que estar em sala de aula com profissionais iguais àquelas docentes se constituía como momentos únicos e ricos, logo, eu não poderia perder tempo em não anotando suas experiências e pensamentos que me enriqueceram bastante ao longo da pesquisa de campo. Mantendo conversas com os docentes e discentes a monografia obteve um sentido maior no intuito de refletir mais sobre o tema abordado.

No fim das visitas, foi aplicado um questionário-entrevista, para que as docentes pudessem se expor, escrevendo seus pensamentos e reflexões em relação à aquisição da leitura e da escrita das crianças as quais elas ensinam, pois segundo Alves (2007, p. 65), este tipo de entrevista “[...] possibilita uma flexibilidade maior para quem entrevista, permitindo aproveitar as falas do outro para o desenvolvimento da entrevista e o aprofundamento do foco de estudo.”.

Após a conclusão da coleta no campo, foi feita a sistematização e análise dos dados obtidos ao longo da pesquisa, com fundamento nas leituras e abordagens teóricas sobre o tema alvo de estudo.

### 3.3 Informações sobre a escola e seus sujeitos: estrutura física e administrativa

Figura 3 – Fachada do prédio da escola pesquisada



Fonte<sup>12</sup>

A escola onde se deu a pesquisa foi inaugurada em 2003, durante o Governo do então Prefeito Dr. Juraci Vieira Magalhães. A instituição de ensino fica situada no bairro Antônio Bezerra, na área assistida pela Secretaria Executiva da Regional III, em Fortaleza.

A instituição funciona em um prédio público próprio, com localização bastante estratégica e atende as comunidades dos bairros: Antônio Bezerra, Autran Nunes e Planalto Pici.

Fui recebida pelo diretor da escola o Sr. J.R. Expliquei o motivo da minha visita à instituição e ele foi bastante receptivo, e se mostrou disposto a colaborar com a realização da pesquisa nas salas de aulas.

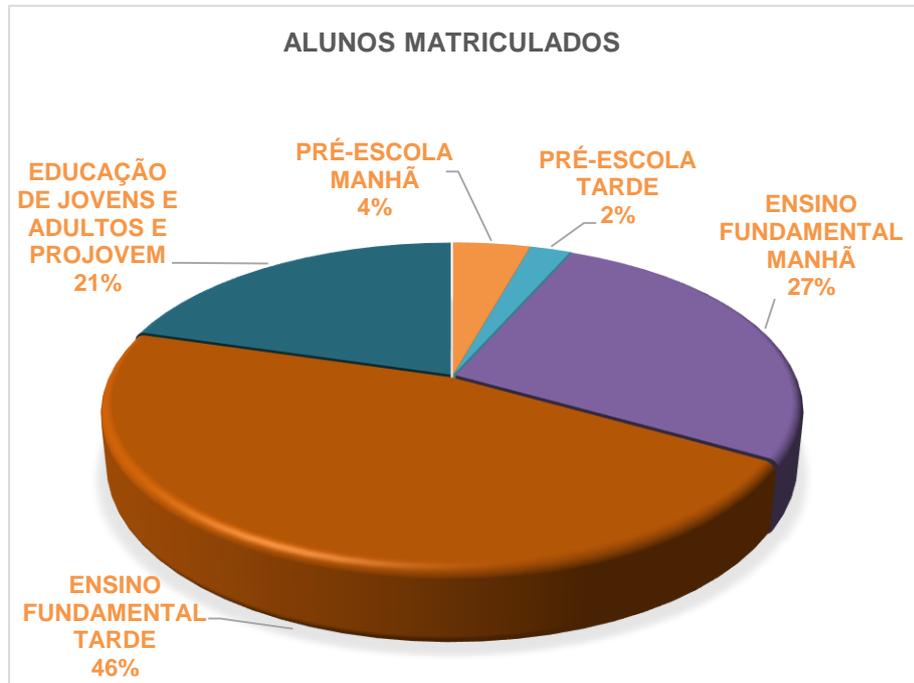
Então, todas as informações me foram concedidas pelo secretário F. B, o qual informou que atualmente a escola funciona com 778 alunos distribuídos nos três turnos, sendo que nos turnos manhã e tarde funcionam turmas da Educação Infantil, Fundamental I (1º ao 4º ano) e Fundamental II (5º ao 7º), enquanto que no turno da noite estão em funcionamento turmas da Educação de Jovens e Adultos – EJA e do

<sup>12</sup>Disponível em: (<http://www.bing.com/images/search?q=escola+gerardo+milton+de+s%C3%A1&qs=n&form=QBIR&pq=escola+gerardo+milton+de+s%C3%A1&sc=0-14&sp=-1&sk=>) 28/08/14 às 15:30hs

Projovem<sup>13</sup>, este foi iniciado no semestre 2014.2.

O gráfico abaixo demonstra melhor a distribuição dos alunos por níveis de ensino.

Gráfico 1: Distribuição das modalidades na escola pesquisada



Fonte<sup>14</sup>

No que concerne ao núcleo gestor da escola, ele é composto por serviços administrativos e pedagógicos, abrangendo: 1 diretor, 3 coordenadores, 1 secretário, 1 supervisor, 5 funcionários para dar um suporte na secretaria - nos turnos da manhã, tarde e noite –, 5 funcionários na cozinha e 1 porteiro. À noite a escola conta com um 1 vigia para guardar o patrimônio da escola e o quadro se completa com as pessoas que trabalham nos serviços gerais. O corpo docente conta com 31 profissionais atuando nos 3 turnos. Todos possuem curso superior completo.

Quanto às instalações físicas, segundo o secretário abrangem: 14 salas de aula, 01 biblioteca, 01 refeitório, 07 banheiros (masculino e feminino) e sendo que as 04 salas de aulas do infantil possuem banheiros, 01 pátio recreativo para o

<sup>13</sup> Preparar o jovem para o mercado de trabalho e para ocupações alternativas geradoras de renda são os principais objetivos do Projovem Trabalhador. Podem participar do Programa os jovens desempregados com idades entre 18 e 29 anos, e que sejam membros de famílias com renda per capita de até um salário mínimo.

<sup>14</sup> Este gráfico é de cunho pessoal da pesquisadora, 2014.

acolhimento dos alunos, 01 depósito de alimentos, sala de professores e sala da secretaria. Em toda a escola existem 18 computadores, 03 impressoras, 02 aparelhos de DVD, 04 aparelhos de TV, 06 aparelhos de som e na instituição há acesso à internet, mas este é de uso restrito da secretaria.

Quanto aos outros recursos, o secretário esclareceu que a escola tem equipamentos e recursos didáticos razoavelmente suficientes, os quais atende as atividades de sala de aula, quando um professor solicita e este material fica a disposição para uso dos profissionais. Os equipamentos são os seguintes: aparelhos de TV, vídeos, computadores e sons, todos em funcionamento.

Sobre as condições do prédio, o secretário informou o seguinte:

Infelizmente, o prédio não se encontra em boas condições para poder ter estes alunos estudando com suas respectivas dificuldades, no entanto a escola matricula o aluno para que este não fique sem estudar, pois a instituição é a única no qual se encontra “apta” a receber essas crianças.

Também disse que o público-alvo da escola é composto por alunos na faixa etária entre 04 e 81 anos de idade, a maioria reside no mesmo bairro onde se localiza a escola, Antônio Bezerra, sendo poucos os que são oriundos de bairros vizinhos.

A situação socioeconômica dos familiares desses educandos é, na maioria dos casos, de baixa renda. E, de acordo com o secretário, as famílias dos educandos contam com a escolaridade de Ensino Fundamental e Médio, e são pouquíssimos familiares dos alunos que possuem o nível Superior.

No tocante às vagas, o secretário informou de forma superficial que a escola oferece vagas para pessoas com necessidades especiais e que há na instituição uma sala de estudos especializados para atender os estes alunos, porém este não entrou em detalhes limitando minha investigação quanto este assunto.

Também fui informada, que no bairro existe apenas essa escola pública que atende crianças da Educação Infantil, contudo, existem outras escolas da rede particular para atender alunos de famílias que conseguem pagar, inclusive, alunos com limitações físicas, mentais ou cognitivas.

Ainda, de forma bastante colaborativa, o secretário expôs que os índices de aprovação, repetência e evasão são baixos, e a série que mais aprova é o 9º ano do ensino fundamental.

### 3.4 Um olhar sobre a estrutura física da escola

Figura 4 – Uma lupa



Fonte<sup>15</sup>

Com o meu olhar de discente e futura pedagoga, não foi difícil perceber a falta de estrutura da escola. Durante as visitas obtive as seguintes observações em relação a este espaço físico, tão carente de acolhimento para com os seus alunos e funcionários. Eu observei que:

- O ambiente não é adequado e nem suficiente para atender as demandas que a escola oferece, como o ensino;
- Bebedouros quebrados;
- Banheiros sem água;
- Ausência de uma quadra poliesportiva para que os alunos se socializem;
- Não tem um parque infantil para que as crianças da Educação infantil possam desenvolver seus movimentos motores, nem vivenciarem experiências com outras crianças.

Também, ao visitar e observar as salas de aula, percebi o quanto aqueles alunos são dedicados e guerreiros, pois estudavam em salas de aula com:

- Pouca iluminação;
- Ventiladores quebrados;
- Paredes sujas;

---

<sup>15</sup> Disponível em: (<http://www.bing.com/images/search?q=lupa&FORM=HDRSC2>) 28/08/14 às 15:40.

- Falta de higienização (segundo as professoras, faltam funcionários para limpeza das salas);
- Pouco material didático;
- Salas inapropriadas para cada turma, no sentido de tamanho, ventilação e pouco espaço.

Desta maneira, as salas de aulas retratadas não estimulam a imaginação dos alunos, desmotiva os docentes a trabalhar e os discentes não se sentem motivados a permanecerem em sala.

Portanto, por meio da investigação campal, constatei o quanto o ambiente pode contribuir ou não para um melhor ensino-aprendizado do aluno.

### **3.5 A Caracterização do bairro no qual a escola está inserida**

Neste subitem o leitor vai poder conhecer um pouco mais das caracterizações do bairro no qual a escola está localizada. Podendo ficar informado que nesta comunidade os moradores se beneficiam com várias coisas que informarei a seguir.

A população que mora nesse bairro se divide em carente financeiramente e de classe média. O transporte mais usado é o ônibus que vai até o terminal do Antônio Bezerra, mas para irem à escola os alunos não se utilizam do transporte público, visto que todos moram no bairro, indo, portanto, a pé. Segundo o coordenador pedagógico, as famílias que se utilizam dos serviços da escola moram próximas a ela.

O Antônio Bezerra é um bairro bem assistido de alguns serviços públicos como, a saber: dois postos de saúde, a feira de alimentos que acontece todos os domingos, inclusive esta acontece na mesma rua da escola, um hospital, cemitério, convento (e neste mesmo convento tem uma parte do prédio que funciona como casa de apoio às pessoas que moram no interior e vem à Fortaleza fazer tratamento de doenças nos hospitais), farmácias, delegacia, rodoviária, uma faculdade particular, agência bancária, um terminal de ônibus, creche pública, outras escolas públicas de ensino fundamental e médio, praças de lazer para a população, colégios particulares.

O bairro se localiza em um ponto limítrofe<sup>16</sup> com Caucaia, município da Região Metropolitana de Fortaleza que vem se desenvolvendo na área de trabalho com o Porto do Pecém e com o setor de turismo com suas belas praias. Por esse motivo, várias pessoas procuram morar neste bairro, visto a proximidade entre Fortaleza e Caucaia.

O bairro é predominantemente residencial, no qual vem surgindo várias construções de condomínios residenciais, pois a procura de pessoas por moradia cresce a cada ano. Visivelmente já se percebe um inchaço de população no bairro, tornando-o mais populoso. O mais incrível é saber que somente a escola investigada atende crianças da Educação Infantil, o que significa que há demanda por vagas está tendendo a aumentar a cada ano.

Então, o que acontece? O poder público não consegue suprir essa necessidade da população? Evidentemente, esse não é um assunto a ser explorado nesse trabalho, mas a questão fica em aberto para ser abordado dentro da academia, que não deve ignorar tal realidade educacional e social.

A seguir, tratarei sobre o que foi possível identificar em salas de aula.

### **3.6 A dinâmica das salas de aulas investigadas, segundo a minha visão discente**

Durante as visitas percebi que, apesar da falta de estrutura física da escola, em sala de aula o processo dinamizador fluía de modo saudável com o envolvimento do professor e aluno em uma relação de respeito mútuo.

Embora sejam muitas as dificuldades enfrentadas por estes profissionais, é incrível perceber o quanto essas professoras são dedicadas ao desenvolvimento e o ensinamento do educando. Havendo uma preocupação por parte do educador em uma total dedicação para o aprendizado dos alunos.

Porém, tudo isso não é suficiente para suprir uma demanda de alfabetização, em que muitas vezes tais dificuldades dos alunos são oriundas das séries iniciais. Vale assim dizer, que a educação não acontece somente pela boa

---

<sup>16</sup> adj. Que se encontra localizado ou contido nos limites de um terreno, de uma área, de uma extensão: sociedades limítrofes. Cujos limites são contíguos; fronteiro: terrenos limítrofes; o Brasil e a Argentina são limítrofes. Figurado. Característica daquilo que está muito perto; o que se encontra muito próximo; vizinho.

vontade de seus profissionais, pois há uma necessidade de recursos financeiros, suporte governamental.

Apesar da dedicação de alunos e professores, existem fatores externos não controláveis pela escola, tais como: famílias desestruturadas, falta de opções de lazer saudáveis para que estes alunos permaneçam distanciados do mundo das drogas, há também a ausência de uma saúde qualificada no bairro para atender as famílias, além disso, muitas crianças ainda vão para a escola com o intuito de fazerem sua primeira refeição do dia.

Diante disso, a leitura e a escrita parecem ser metas secundárias para os protagonistas investigados nesta monografia, pois estes têm que vencer fatores como: a fome, a doença, a pobreza, a violência, que deveriam já ter sido superados, mas infelizmente essa é a realidade analisada que ocorre nessa escola.

Apesar das situações descritas, o ambiente pedagógico das turmas parecia bom, os alunos eram bem comportados, pois percebi que eles respeitavam as professoras, em determinadas situações eles se dispersavam nas conversas paralelas, mas logo elas pediam silêncio e eles, aos poucos, iam parando de falar. Demonstravam interesse pelas atividades, havia um certo empenho quando as atividades tinham que ser realizadas em grupos, percebi o quanto os 3<sup>o</sup> anos gostavam de interagir nestas dinâmicas. Alguns desenvolviam com facilidade, outros, porém, requeriam maior atenção das docentes que demonstravam atenção, dirigindo-se às cadeiras dos respectivos alunos.

Quanto à reflexão crítica, as turmas ainda caminham a passos lentos, infelizmente chega a ser visível as dificuldades que estas crianças sentem quando na aquisição da leitura e da escrita, mas o engajamento e o profissionalismo dos docentes mostram o quanto esta situação está sendo trabalhada por esses docentes para que seus alunos possam ser alfabetizados plenamente.

Isso sinaliza que há sim as dificuldades, mas temos que saber também que há soluções, pois, ficou claro que diariamente, em diversas escolas, existem profissionais trabalhando com seriedade e com compromisso com a educação e com os educandos. Estes profissionais trabalham com jogos educativos, rodas de leituras, atividades em grupos, permitem os alunos fazerem experiências em salas de aulas e, acima de tudo, são educadores que valorizam a cultura familiar desses alunos.

Em relação aos alunos, havia entre eles um convívio harmonioso, com trocas de conversas construtivas e ao mesmo tempo conversas necessárias para sua socialização em comunidade e seu desenvolvimento enquanto cidadão.

## **4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DECORRENTES DA PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE DOS DADOS**

Neste capítulo apresento as análises e a pesquisa de campo, recorrendo aos teóricos citados ao longo do trabalho, com a intenção de estabelecer uma articulação entre a teoria e as reflexões dos docentes em relação ao trabalho realizado em salas de aulas. Deste modo, serão analisados os pontos oriundos das conversas informais, por meio das quais as docentes esclareceram suas respostas do questionário.

Para manter o anonimato das entrevistadas, elas foram denominadas pela letra “D” com os respectivos números em sequência ordinal de 1 a 3, da seguinte maneira:

- D1 - Docente do 3º ano A Manhã e 3º ano A Tarde;
- D2 - Docente<sup>17</sup> do 3º ano B Manhã;
- D3 - Docente 3º ano B Tarde.

### **4.1 Quanto aos docentes do 3º ano do Ensino Fundamental em termos acadêmico e profissional**

Em relação à docente das turmas do 3º ano A Manhã e A Tarde, a mesma se formou em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), no ano de 2003. Possui Especialização em Administração Escolar pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), título obtido no ano de 2011.

Em conversa informal, a docente afirmou que gosta de ser professora, o curso de Pedagogia foi para ela uma escolha pessoal, pois acredita na transformação da educação e que ela quis fazer parte desta transformação.

Quanto ao tempo de função, a docente exerce o magistério há 13 anos, sendo que sempre atuou em escola de ensino público, sendo sua matéria preferida para lecionar a de Língua Portuguesa. Segundo a entrevistada, os professores da escola recebem cursos de formação continuada, mas não mencionou qual o tipo de formação, por quem era ofertada, quem ministrava, qual o conteúdo trabalhado, se

---

<sup>17</sup>Esta docente contribuiu para esta pesquisa, no sentido de deixar sua sala de aula exposta para que eu fizesse as observações e as conversas informais ajudaram para o processo de construção da monografia. Mas, ela se recusou a responder ao questionário.

tinha relação com o que desejavam na escola e, sobretudo, se considerava importante tal formação.

Ao longo da conversa, a docente se dizia insatisfeita com os órgãos públicos, tendo em vista estes não terem interesse em valorizar os profissionais da educação, pois faltam materiais para se trabalhar em sala de aula, materiais básicos, tais como: pincel para usar no quadro branco, vídeos educativos e equipamentos disponíveis adequados para trabalhar com os alunos.

Mas para a docente, sua principal ferramenta é o livro didático, ela informou que não existe a leitura de livros paradidáticos, nem o uso da internet, existente na escola apenas na sala da secretaria, ficando inacessível ao docente inclusive a biblioteca, espaço este que deveria estar sempre aberto para os alunos, mas que vive fechada. Diante disso, cabe indagar: como podemos considerar que a escola valoriza inúmeras perspectivas e possibilidades para a prática da leitura e da escrita se a própria biblioteca, lugar de livros e de leituras, vive fechada?

E, de acordo com a docente, os principais instrumentos avaliativos são a vivência e as experiências dos alunos nas atividades ao longo do ano letivo, relacionadas à: comportamento em sala de aula; participação nas atividades propostas pelas docentes, como momentos de leituras, de jogos educacionais (quebra-cabeça, formação de palavras), entre outras. Ela disse ainda que costuma acompanhar o desenvolvimento e a participação dos alunos diariamente.

Ela falou ainda que pelo fato de lecionar em turnos diferentes, percebe que as turmas têm dinâmicas distintas. Para ela, no turno da manhã as crianças são visivelmente mais calmas, a presença familiar se percebe ao ver o aluno com a farda limpa, banhado, com tarefas feitas e de que há uma participação desses educandos nas atividades com maior frequência bem como há menos alunos faltosos e a faixa etária está adequada para a série. No entanto, ao se comparar com o turno da tarde, neste os alunos são mais agitados, muito deles não vão fardados, não se vê uma higiene pessoal, os alunos são sonolentos e é mais frequente a distorção idade/série, além disso, eles não querem participar da dinâmica das atividades e falta a presença de um familiar que os acompanhem em sua vida escolar.

Em minhas observações, constatei que a docente utilizou jogos pedagógicos e dinâmicas nos dois turnos, entre eles: o material dourado, para trabalhar a matemática; atividades em grupos, que facilita as trocas de experiências das turmas.

Ela se mostra acessível aos alunos e próxima no seu modo de falar, para que as crianças a entendam com facilidade.

Percebi que ela se comportou de modo diferente nos dois turnos, no turno matutino os alunos apresentaram melhores condições, pois a sala estava mais ventilada, os alunos estavam mais calmos, logo a professora se envolveu mais e deu mais atenção a eles, pois no turno da tarde além da sala estar mais quente, o que contribui para a agitação das crianças em sala de aula, ela demonstrou estar mais cansada, acredito que por ter ensinado no turno da manhã.

A docente da turma do 3º ano B tarde se formou no curso de Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), no ano de 2005. A docente fez curso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), no ano de 2010. Outro curso foi feito por ela no ano de 2013 sobre a prevenção e o uso de drogas ministrado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), órgão vinculado ao Ministério da Justiça. A docente afirma que na escola os docentes recebem uma formação continuada do Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

E quanto ao seu tempo de exercício na função, a docente leciona há 06 anos em escolas públicas. As séries nas quais está ensinando é o 3º ano do Ensino Fundamenta pela manhã e no turno da tarde o 6º ano.

A docente revelou que se à vontade em expor um pouco de sua vivência quanto seu trabalho em sala de aula. Segundo ela, no início do ano letivo estava assumindo apenas o 6º ano pela manhã e desde o mês de abril assumiu uma turma do 3º ano no turno da tarde, pois a docente que antes lecionava nesta turma assumiu a coordenação pedagógica. Como ela não conhecia a dinâmica dos alunos do 3º ano, foi muito complicado ter a atenção destes educandos no período de adaptação a esta turma, pois até mesmo para eles a troca de docentes foi confusa. Por conta disso, na sala de aula os alunos não a obedeciam, as tarefas que ela pedia para fazerem eles não faziam, ela percebia uma agitação na turma e dificuldades que eles sentiam na leitura dos textos. Aos poucos a docente foi conhecendo cada um de seus alunos e informou que quem obedecesse iria ser premiado no fim de cada aula. Só assim, de acordo com o relato dela, o envolvimento e interação entre eles melhorou. Esta estratégia tem dois lados, a saber: positivo, pois com isso ela conquistou os alunos, esses passam logo eles passaram a confiar nela e a veem verem como sua docente; e o negativo foi que mais uma vez essa turma vai passar para outro passou por trocas de

professor, uma vez que no mês de setembro ela teve que se submeter a uma cirurgia séria e por isso teve que se ausentar por alguns meses da escola.

Ora, no ano de 2014 três professores, cada um com perfis, dinâmicas e abordagens metodológicas distintas, passaram por essa turma, está em pleno período de desenvolvimento da alfabetização, logo ficou evidente para mim o prejuízo que esses educandos estão tendo ao longo do ano, cujos docentes tem formações variadas, interagem de modo distinto com os alunos, assim eu entendo que ter um único docente que acompanhasse o desenvolvimento dessas crianças durante o ano letivo se constitui uma necessidade e porque não dizer que também é um direito que elas têm. Quando esses estudantes estavam se acostumando com um docente, este foi substituído por outro, dando início a mais e um novo período de adaptação, processo este também vivendo pelos professores, visto que também tiveram que passar pelo período da adaptação à nova turma, tendo que conhece-los a fim de elaborarem planos de aulas contextualizados à realidade desses educandos.

A professora do 3º B manhã não respondeu o questionário, mas, através das conversas informais que tive com ela, soube que sua formação inicial foi em Pedagogia na UECE e que no momento ela estava estudando para tentar Mestrado em Matemática.

#### **4.2 O olhar docente sobre as dificuldades da aquisição da leitura e da escrita no 3º ano do Ensino Fundamental**

Para aprofundar este tema, trago como abordagem reflexiva os pensamentos e indagações das docentes dos 3º anos do Ensino Fundamental que trabalham na escola. Conversei com elas em relação à leitura e escrita dos alunos que elas ensinam.

A reflexão com as docentes me fizeram indagar por qual motivo tem alunos com tais dificuldades, fazendo-me pensar sobre o que levam esses educandos a enfrentarem dificuldades que ocorrem neste momento de plena aquisição e domínio alfabético, embora seja evidente que eles trazem essas defasagens das séries anteriores, isto é, do 1º e 2º anos, etapas que contribuem para o aprendizado da leitura e escrita. Seria isso falta de diálogo entre professoras? Ou seria descaso das anteriores com a alfabetização? Se essas não investem no processo de alfabetização, que tipo de medida é tomada pelos gestores? Ou, isso ficaria assim mesmo, sem

nenhuma providência concreta visando resolver tal situação, sobretudo em relação às turmas seguintes? É, definitivamente, algo para os responsáveis refletirem e encontrarem saídas para resolverem tais questões.

Desta forma, considero que foram extremamente necessárias e pertinentes minhas visitas na escola-campo, a fim de identificar, *in loco*, as dificuldades, limitações e perspectivas de ação relacionadas à prática da leitura e escrita de alunos que se encontram no 3º ano, evidenciando o ponto de vista das docentes sobre essas questões, a partir de conversas com elas. É bem verdade que me deparei com realidades que não eram distantes de meu olhar, seja quando aluna do 3º ano do ensino fundamental ou como discente universitária, pois nessa escola percebi o quanto as educadoras respeitam seus alunos, respeito este mútuo, posto que se percebia o mesmo também dos alunos para com elas. Porém, o mais importante foi evidenciar as práticas, as ações em salas de aula, as formas como lidavam com a leitura e a escrita, tentando perceber o aprendizado, os não aprendizados, o que era possível melhorar, etc.

Sobre isso, mais uma vez Freire (1996, p. 59) traz uma reflexão importante sobre os saberes necessários à prática educativa:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o gosto ético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso rompe com a realidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade.

Aparentemente nesse sentido, observei que na escola G.M.S. haviam docentes comprometidas com a educação, valorizavam as experiências dos alunos e em nenhum momento percebi descaso para com as crianças em salas de aulas. Elas se preocupam com o ensinamento voltado para o desenvolvimento do aluno, percebi também educandos que respeitam suas professoras diariamente.

Então, que compromisso é esse que não tem colaborado para que os alunos aprendam? Parece contraditório, pois o comprometimento deve gerar posturas

que enfrentem os problemas e os superem, porém quando se analisa o ambiente familiar, a cultura de bairro, o abandono social e o ócio que paira sobre as vidas dos educandos esta contradição torna-se mais compreensível.

Porém, é preciso considerar que, apesar das docentes se empenharem em sala de aula, há um contexto histórico real e latente que elas não conseguem atingir, isto é, quando cada criança cruza os portões da escola em direção às suas casas perde o olhar cuidador do docente, o que acarreta descumprimento de suas tarefas em casa, não têm rotina de estudo e sequer têm o hábito da leitura. Logo, o comprometimento das docentes, ao meu ver, torna-se como o tapete de Penélope, que o tecia durante o dia e desfazia seu tecer durante à noite. Isso significa que não basta ensinar na escola e passar tarefas para casa e o aluno não ter alguém que oriente a atividade, pois o objetivo da tarefa é fixar melhor o conteúdo ou fazer desse momento uma oportunidade a mais para tirar dúvidas. Se não puder fazer nada disso, o aluno pode ter sua aprendizagem comprometida.

E nas falas informais e opiniões das docentes, foram surgindo pensamentos que se complementavam. Em conformidade com as professoras, esse tema da negligência familiar com relação aos estudos dos alunos e a defasagem de aprendizagem em relação aos anos anteriores vem sendo abordado e conduzido pela coordenação pedagógica.

De um lado, a docente E. L., que ensina o 3º A manhã e 3º A tarde, explicou que na escola existem salas de aula destinadas para alunos do 3º ano que não sabem ler e nem escrever, fica nesta sala uma professora alfabetizadora que ajuda no processo de aquisição da leitura e da escrita. A docente disse ainda que eles vão para esta sala de alfabetização e muitas vezes chegam ao fim do ano sem nenhum progresso; ela ainda comentou que tais alunos não frequentam as salas de aulas referente ao 3º ano, porque podem atrasar o restante da turma. Segundo esta docente, os alunos são reprovados se não alcançam o nível da alfabetização esperado pela instituição.

Por outro lado, a docente L.U., que ensina o 3º B manhã e que afirma ser tradicional, tem a visão de que esses alunos realmente têm que estarem nestas salas de alfabetização, pois, segundo ela, não se sente professora alfabetizadora para ajudar os alunos nesta etapa inicial da alfabetização.

Também, a docente K.A., do 3º B tarde, concorda com o núcleo gestor, que defende que esses alunos precisam estar em salas diferenciadas para serem

alfabetizados e poder acompanhar a sua turma. Na visão geral das três professoras, esses alunos realmente têm muitas dificuldades com a aquisição da leitura e da escrita, também são alunos com a distorção idade série, isto é, estão fora da faixa idade/série adequada. Resumindo, segundo uma delas, “[...] estes educandos além da escola, também têm que terem apoio familiar para poderem vencer estas dificuldades.”.

Assim, elas defendem a participação ativa da família na superação da dificuldade em ler e escrever dos alunos. Nesse caso, fiquei a me indagar: mas se os familiares, devido à correria como trabalhadores diários, com horários rígidos e, em grande parte, sem terem sido sequer alfabetizados, como podem ajudar seus filhos? Acredito, nesses casos, que essa responsabilidade passa, necessariamente, pelo diálogo sobre suas vidas e sobre o valor dos estudos como forma de contribuir para renovar as esperanças e pensar num futuro melhor para essas crianças e adolescentes.

E uma outra questão não menos importante diz respeito ao letramento, pois como bem esclarece Soares (1998), letrar é fazer o uso social da leitura e da escrita, é saber usar esse código no dia a dia, sabendo interpretá-lo e compreendê-lo. Sobre isso, de acordo com Freire (1993, p. 31):

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente senão assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensina a ler e engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da *compreensão* será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na *experiência escolar* aos que resultam do mundo da cotidianidade.

Como Freire (1993), o ato de ler não é apenas ler por ler, mas sim tem toda uma criticidade no que está lendo. O leitor tem que assumir o papel de ser curioso para buscar a compreensão do lido.

As docentes ressaltaram que, segundo suas visões, estes alunos refletem diretamente sua cultura familiar, no sentido de que muitas dessas crianças são oriundas de famílias carentes de estudos e, na maioria das vezes, ainda não veem o estudo como uma maneira de ascender na sociedade. Essas crianças só estão

matriculadas na escola para que a família receba auxílio do Governo Federal, a saber: o bolsa-família.

Mas, em conversas informais com as docentes, elas disseram que também há famílias que, por mais que seus estudos sejam pouco, sabem do real valor da educação para seu filho. Sendo que estas famílias se preocupam e muitas vezes pagam um reforço escolar para que a criança se desenvolva melhor nos estudos, e isso acaba favorecendo o aprendizado desta.

Estas docentes ainda ressaltaram que muitos dos educandos têm uma certa dificuldade e uma má compreensão da leitura e escrita, pelo fato de que as séries iniciais, como o 1º e 2º do Ensino Fundamental, na vida destes alunos não foram séries capazes de prepará-los para o mundo de leitura e compreensão textual ao chegar no 3º ano.

Desta maneira, as professoras muitas vezes compreendem que estas dificuldades não são culpa do aluno, mas do modelo escolar do sistema educativo do Estado que não fortalece um trabalho de alfabetização nas séries iniciais, ficando portanto estes alunos com esta defasagem no 3º ano e muitas vezes se tornam alunos repetentes desta série ou que passam de ano, mas não conseguem acompanhar as turmas.

#### **4.3 A fundamentação teórica utilizada pelo docente em relação à aquisição da leitura e da escrita**

Como ponto de partida da análise dos dados, o primeiro tópico a ser analisado foi pontuado como a primeira pergunta do questionário feita para as docentes, pois busquei saber a fundamentação teórica usada por elas em relação à aquisição da leitura e escrita em sala de aula para com os alunos.

De acordo com o relato da D1, trouxe como autora Emília Ferreiro, vista como importante para seu embasamento teórico. Ela assim declarou:

[...] Emília Ferreiro, como embasamento para diagnóstico e de como intervir positivamente para a ampliação do aprendizado [...].

Por sua vez a D3 tem a seguinte opinião quanto ao primeiro ponto do questionário:

[...] Utilizo as orientações que são repassadas nas formações; a teoria que se aplica é a construtivista com tradicional sempre mesclando as duas [...].

Dessa maneira, é possível perceber nas respostas das docentes que elas usam teorias diferentes em sala de aula, esta distinção é coerente, uma vez que apesar de se tratar da mesma série há de se considerar o fato de que cada sala de aula tem crianças com dificuldades diferentes, porém dentro do rol de dificuldade o ponto em comum entre elas está na dificuldade de ler, interpretar e escrever, isso que quer dizer que os conhecimentos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) são relevantes e atuais em qualquer turma, uma vez que se preocupam em identificar o nível de escrita dos alunos, ou melhor, o que sabem e o que aprenderam até então. Para isso, elas classificam os níveis de desenvolvimento da escrita em 4: pré-silábico - quando a criança usa garatujas, ou não consegue distinguir letras de números e símbolos, escreve as palavras de acordo com o tamanho dos objetos; silábico - quando consegue atribuir uma letra para cada sílaba; silábico-alfabético - a criança escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica, de que para se escrever uma sílaba é necessário apenas uma letra; e nível alfabético - caracteriza-se pela correspondência entre fonemas e grafias. Geralmente as crianças já conseguem ler e expressar graficamente o que pensa ou fala.

O questionário apresentou em seu primeiro tópico a evidenciação de que cada docente escolheu uma fundamentação teórica diferente, ou seja, cada uma definiu a teoria conforme o ritmo da sala de aula, mostrando que não há uma padronização confirmando-se assim que não há consistência e sustentação sobre o que alegam fundamentar suas atividades, o que nos leva a crer que a teoria representa mero apêndice da prática.

Dessa maneira, percebe-se a importância que se encontra no ato de escolher/definir uma fundamentação teórica para trabalhar em sala de aula, seja com autores como Emília Ferreiro ou autores tratados em formações que estas docentes recebem na instituição que ensinam.

#### **4.4 As dificuldades das crianças em interpretar texto segundo o olhar docente. E qual sua ação de trabalho para estas questões**

Dando continuidade à análise da segunda questão abordada no questionário, exponho o olhar das docentes sobre as dificuldades da leitura dos alunos de suas respectivas turmas, apresentando em quais gêneros textuais (bilhete, carta, fábula, entre outros) essas dificuldades ocorrem com mais frequência e de que forma são trabalhadas com os alunos em sala de aula.

De acordo com a visão da D1, em suas salas de aulas existem crianças com dificuldades na aquisição da leitura e da escrita, quando se é trabalhado o gênero textual fábula, pois segundo a docente esse tipo de texto normalmente é extenso, usam animais como protagonistas dos textos exigem a interpretação da moral contida na história. No entanto sabe-se que a criança que tem o domínio da leitura não impede de ler textos extensos como fábulas. Pois a criança que se sente enfadonha e não compreende esse tipo de gênero na maioria das vezes não sabem ler e por isso esse tipo de leitura se torna complicada. A docente deixou claro no questionário que utiliza os gêneros textuais em sala de aula com seus alunos para estimular a capacidade de interpretação e criticidade, ela assim expôs:

[...] Estimula as crianças a se posicionarem criticamente sobre o texto relacionando com os fatos da vida real [...].

Assim a D3 também reconheceu a existência desse tipo de dificuldade em sala de aula e ainda acredita que isto faz parte das construções das ideias dos educandos. Embora não tenha mencionado quais gêneros seus alunos encontram maiores dificuldades, a D3 em sua resposta não descartou a possibilidade de se trabalhar diariamente com textos e rodas de conversas com seus alunos, para se ter um desenvolvimento da leitura. Por isso a docente 3 apresentou a seguinte visão sobre a dificuldade da leitura demonstrada por seus alunos:

Crianças estão no processo de construção de ideias, as dificuldades fazem parte. Com leitura de textos diariamente e rodas de conversa desenvolvo o aspecto da interpretação textual.

Desse modo o segundo tópico do questionário de campo elucidou que é preciso entender que sempre haverá no mundo da educação percalços a serem

superados, por isso é necessário que os docentes estejam comprometidos com uma educação humanizada, dinâmica, criativa, assim como a educação freireana, que se apresenta contemporânea, valorizando a construção do conhecimento do educando.

#### **4.5 De que modo o vínculo familiar afeta a influência, o desenvolvimento e aprendizado da criança, segundo o olhar docente**

Prosseguindo com o tema das dificuldades da leitura e escrita em sala de aula, é possível analisar em relação a esta questão as respostas das docentes sobre a influência da leitura e da escrita no cotidiano dos educandos dentro da escola e além dos muros da instituição educacional.

Sendo assim, a D1 apresentou sobre a questão o seguinte posicionamento:

[...] A falta de comprometimento da família é algo que reflete de maneira negativa no processo de alfabetização, gerando o velho pensamento “se não há cobrança em casa, por que farei as tarefas?”. Refletindo também no aspecto afetivo e social dessa criança [...].

Essa docente traz em suas palavras que estas dificuldades para a aquisição da leitura e escrita na maioria das vezes surgem no núcleo familiar, que influencia sobremaneira a vida desses estudantes. Para ela, a família pode se tornar uma influência negativa na vida escolar das crianças, deixando de contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo.

Quando a docente em sua fala menciona “[...] se não há cobrança em casa, por que farei as tarefas?”, esta frase está ligada diretamente com o aluno que leva atividade para ser feita em casa e a família não cobra, não pergunta o que ela fez ou aprendeu na escola, o que deve fazer como tarefa de casa. Dessa maneira fica o aluno como displicente e descumpridor de seus deveres, pois em casa não recebe nenhum incentivo para dar continuidade em seus estudos e a família, neste aspecto, está contribuindo para que estas dificuldades de aquisição da leitura se afirme nas suas vidas.

Diante do que foi exposto pela D 1 é preciso refletir no papel da família, a escola pode até representar uma casa, uma coletividade cheia de regras, ser um ambiente de socialização, porém torna-se necessário a participação interessada,

efetiva e compromissada da família (indo para as reuniões, dizer palavras de incentivos ao aluno para que este continue bem na escola, levar a criança para a escola, cuidar da higiene do aluno, preocupar-se em matricular a criança no início do ano letivo).

Quanto a resposta da D3, de uma certa forma complementa a ideia desenvolvida pela D1, uma vez que a docente 3 afirmou que entre as dificuldades está a seguinte:

[...] A principal é a concentração, alunos muito agitados dificultam a aprendizagem. Esse tipo de comportamento atrapalha na convivência entre eles [...].

Portanto, este olhar da D3 sobre o panorama de seus alunos no que tange a leitura e a escrita se encaixa na visão da D1, possibilitando vislumbrar as respostas das respectivas docentes como um texto único e coerente.

Visto que o aluno que convive em um núcleo familiar onde ninguém se interessa por suas atividades na escola, este aluno não vai fazer a mínima questão de se manter concentrado em sala de aula e muito menos obedecer ao professor, pois em sua casa os seus responsáveis não acompanham a sua vida escolar.

Então, analisando o tópico abordado descortinou-se que a dificuldade de aprender das crianças pode estar intimamente relacionada ao descaso que algumas famílias possuem sobre o cotidiano da delas na escola, é necessário enxergar que “o aprender” não se limita apenas na escola, mas está também presente no núcleo familiar que tem que contribuir na continuidade do ensino.

#### **4.6 Metodologias, ações e estratégias para despertar e promover a criatividade da aquisição da leitura e da escrita em sala de aula**

Outro ponto importante que veio a ser analisado, foi sobre as metodologias nas quais as docentes **vêm** trabalhando em sala de aula, quais meios criativos têm as mesmas realizado para poder atrair os alunos a fazerem e participarem das dinâmicas das atividades em sala.

Conforme o desenvolvimento em sala de aula apresentado pela D1, ela costuma usar muito a contação de histórias e jogos que estimulam o conhecimento infantil, ou seja, utilizava o lúdico para alcançar a realidade em que as crianças estão

inseridas, assim, segundo a docente 1,

[...] A metodologia da alfabetização deve sempre estar adequada a realidade no qual o aluno convive dos conhecimentos que traz consigo. O trabalho com jogos alfabetizadores tem ajudado bastante, pois integram o prazer e o aprender [...]

Desse modo, pude comprovar no campo que realmente a docente trabalha com jogos educativos, pois em uma aula de matemática ela usava o material dourado para trabalhar as unidades, dezenas e centenas. Os alunos ficavam atento as explicações e a docente chamava cada um em sua mesa para que eles pudessem na prática desenvolver as atividades utilizando o material.

No que diz respeito à metodologia adotada pela docente 3, esta trabalha em sala de aula da seguinte forma:

[...] Trabalhamos com a Arca Literária do PNAIC, onde é feita a leitura de um livro e em seguida trabalhada a interpretação do texto [...]

Dessa maneira, quanto à D3 pude perceber nas visitas de observações que foram realizei em sua turma, o quanto ela trabalhava com seus alunos a prática da leitura com livros infantis que ficavam expostos no armário da sala de aula.

Assim, através das observações feitas em campo, percebi o quanto é importante que a professora faça esta interação aluno e objeto a ser trabalhado, onde o docente faz o papel de mediador entre a relação do aluno e o conhecimento exposto em sala, pois essa mediação cria um ambiente de encantamento nos alunos que se tornam mais participativos nas atividades propostas.

#### **4.7 De que modo geral a escola pode colaborar com esta aquisição.**

##### **E a família qual o seu papel nesse assunto**

Encerrando com este tópico, cuja abordagem é bastante instigante, pois se faz perceber o papel da escola e da família para com essas crianças que estão no 3º ano e que apresentam dificuldades para se alfabetizarem e letrarem, em que se possa ter um bom domínio da leitura e escrita para se virarem melhor na sociedade em que vivem.

Para a D1, no que diz respeito a esse assunto, enfatiza que é necessária uma maior participação por parte da família juntamente à escola, pois segundo ela,

[...] é preciso permitir que os alunos utilizem espaços como a biblioteca e o laboratório de informática. Infelizmente poucas famílias participam do processo junto com a escola. Destas, temos alunos disciplinados, comprometidos, sabedores de seus deveres de educando [...].

E durante uma das conversas que tive com esta docente, ela me falou o quanto os familiares de muitas crianças sequer sabiam quem era o educador de seu filho, são pais que não se interessam pela educação de seus filhos, são ausentes, e muitas vezes só aparecem na escola de ano em ano para poderem fazer a matrícula das crianças.

Então, em consonância com o que já foi exposto, a D3 evidenciou a necessidade de uma biblioteca que tenha horários de funcionamento estabelecidos, para que os educandos tivessem acesso livre e direto aos livros. Sobre isso ela disse:

[...] A escola pode colaborar com a abertura da biblioteca no horário do intervalo, onde as crianças terão acesso aos livros que elas não terão em casa [...].

Assim, ambas as docentes afirmam que uma das maneiras pelas quais a escola pode contribuir para um bom desenvolvimento dos alunos, é colaborar para a manutenção e funcionamento da biblioteca e da sala de informática, para que fiquem abertas na hora do recreio, pois seria bem mais proveitoso as crianças estarem na biblioteca lendo algum livro do que na hora do intervalo estarem correndo eufóricas.

Por isso, é importante integrar o aluno nos ambientes da instituição de ensino, utilizando bem não somente a sala de aula, mas também a biblioteca e os laboratórios como extensão da sala de aula, pois a escola deve ser o ambiente de acolhimento e aprendizado. Assim como as sementes precisam de um terreno

preparado para germinarem e crescerem, da mesma forma são os alunos que precisam de uma escola de qualidade onde todos (sociedade) estejam dispostos a trabalhar por uma educação transformadora.

Sendo assim, foi possível constatar, dessa forma, com base no diário de campo, na resolução do questionário e até mesmo nas conversas informais a dedicação das docentes em sala de aula com os seus educandos.

Dessa maneira, pode-se notar o quanto as docentes são comprometidas com seus alunos e estão sempre buscando novas metodologias, para que se trabalhe o desenvolvimento dessas crianças, no sentido de ajudá-las no processo de alfabetização.

Então, após ter entrado em contato com a escola, as salas de aula, observado o trabalho docente e os discentes em suas atividades, percebi que ainda existem profissionais preocupados com a educação e dispostos a mudar o quadro preocupante no qual se encontra as crianças com pouco desenvolvimento nas leituras. Mas, para que este quadro mude é necessário a colaboração do núcleo gestor da escola e o engajamento da família do educando. Pois, segundo as docentes na escola ainda tem que ser trabalhado a questão de deixar a sala de informática e a biblioteca abertas, para que professores e alunos possam se utilizarem dos livros e computadores.

Dessa maneira, minha expectativa sobre uma educação de qualidade voltada para a alfabetização está mais latente, pois acredito que é preciso educar com amor. O amor é um sentimento sublime e transformador, por isso o docente que escolhe a dedicação, o comprometimento também está escolhendo mudar vidas, transformar gerações. Penso que educar é respeitar o aluno e se comprometer com o seu ofício. O respeito é um princípio e uma virtude, e o compromisso uma atitude. Juntos são inabaláveis. Se eu educo por amor, não devo cobrar por isso, e o que faço deixa de ser uma profissão. Aqui cabe os saberes da Pedagogia da autonomia, de Freire (1996).

Assim, ensinar crianças a ler e escrever é o mesmo que dar, oferecer o céu aos pássaros: sejam os docentes o trampolim, o céu o conhecimento, os pássaros os alunos e o ato de voar seja a emancipação efetiva.

## 5 CONCLUSÃO

Este estudo monográfico teve uma preocupação de entender um pouco mais sobre a atuação docente em relação às limitações/dificuldades e perspectivas/possibilidades de ação enfrentadas no 3º ano do Ensino Fundamental em relação à prática e aquisição da leitura e da escrita, valorizando o olhar e a reflexão sobre os alunos em sala de aula, segundo a visão do próprio docente, visto que diariamente estão com esses alunos e sabem suas dificuldades e seus potenciais.

Foram analisados os dados do diário de campo e tenho como convicção de que ao longo das visitas realizadas tive uma real experiência de como buscar respostas a tantos porquês, supondo corretamente que elas se encontravam tanto na própria sala de aula como nas vivências e experiências dos docentes junto aos alunos, nas salas de aula e em outros espaços da escola, o que tornou o resultado das observações satisfatório, quanto se encontravam fora do ambiente escolar, no seio familiar e no papel a ser desempenhado pelo poder público, que deve prover a instituição de meios e recursos humanos e materiais que possam favorecer a prática da leitura e da escrita, não somente no 3º ano, mas em qualquer série em que o aluno estude.

E com o intuito de entender as limitações/dificuldades na prática da leitura e da escrita, e poder ter como fonte outro olhar profissional, houve a colaboração dos docentes da escola. Iniciei a pesquisa fundamentada em teóricos que tratam do tema em questão, citando como exemplo Paulo Freire (1996), Magda Soares (1998) e Ferreiro e Teberosky (1999).

Dessa maneira, o aprofundamento teórico tornou-se a base para que pudesse analisar e entender por que tais dificuldades vêm se tornando realidade com crianças do 3º ano Fundamental, série em que estas deveriam estar alfabetizadas e letradas, juntamente analisando o olhar docente em sala de aula. Ressaltando também a metodologia adequada, apresentada no terceiro capítulo, na busca de resultados que refletissem a realidade. A partir disso apresento as considerações levantadas.

Um dos objetivos específicos buscava identificar em qual pressuposto teórico o docente fundamenta sua ação em sala de aula, no que diz respeito à aquisição da leitura e escrita dos discentes. De acordo com que foi exposto no capítulo 1, um desses pressupostos teóricos que as docentes poderiam utilizar em sala de aula

foi a autora Emília Ferreiro, pois segundo a professora sua ação em sala de aula é fazer uma interferência positiva para um desenvolvimento de seus alunos. E em conversa informais que tive com outras docentes, elas mencionaram Paulo Freire como teórico utilizado por elas, na questão de ouvir o educando, valorizar suas experiências e respeitar sua cultura familiar.

Então, conclui que o trabalho de campo revelou que as docentes são comprometidas (no modo de realizarem as atividades em sala de aula e o *feedback* que a docente fazia da criança com a atividade, a maneira que se propunha a contação de história deixando as crianças livres para escolher o livro que seria lido pela docente, entre outras ações analisadas), com a educação e elas estão sempre se utilizando de concepções freiriana, quando utiliza em sala de aula as palavras geradoras do círculo da vivência dos alunos.

Outro objetivo foi identificar a importância do ato de ler, segundo as docentes, para a vida de seus educandos. Os resultados obtidos mediante a análise de dados permitiu perceber que as docentes reconhecem a importância do ato de ler para a vida pessoal dos educandos (a utilização do material dourado, contação de história, o uso dos gêneros textuais: fábula e bilhete), podendo este ter a possibilidade da socialização com seu meio de vivência, seja no núcleo familiar, entre amigos ou na escola. O aluno, segundo a docente, tem que ter boas leituras para poder compreender seu universo.

Também identifiquei que existe preocupação das docentes em ajudar seus alunos a serem alfabetos plenos, os demais espaços da escola e a família desses educandos pouco ou em nada contribuem para o seu desenvolvimento e aprendizado.

Dessa maneira, outro objetivo pretendia identificar aspectos positivos e negativos relacionados às metodologias vivenciadas pelo docente em sala de aula, pois as docentes me diziam que muitas vezes faziam planejamento de uma determinada aula que ela iriam passar um filme para a turma e a escola não disponibilizava o aparelho de TV, então tinham que mudar a metodologia e seu plano de aula, pois não havia meios para realização dessa atividade. As docentes elaboravam rodas de conversas, leituras em grupo, atividade com dinâmicas e os alunos eram participativos.

Sendo assim, quando as docentes planejam uma aula e a escola não disponibiliza materiais, isso é visto como um ponto negativo, mas quando elas

lançavam algumas atividades para os alunos e eles eram bem participativos, isso é considerado como um ponto positivo.

Com isso, tanto existem limitações quanto perspectivas de ação no fazer docente junto aos alunos em relação à leitura e à escrita, o que nos leva a afirmar que, apesar das dificuldades, a esperança ainda continua viva, pois as docentes continuam apostando no seu próprio trabalho e na capacidade de aprender dos alunos. Elas não desistiram deles e continuam buscando saídas para os problemas.

Assim sendo, eu como graduanda do curso de Pedagogia, sinto-me cada vez mais interessada em entender as dificuldades que rondam os alunos, de modo que a pesquisa no campo me fez mergulhar e buscar compreender um pouco mais a problemática e ver que de fato as docentes trabalham com estes alunos buscando motivações e metodologias para ajudá-los a aprender a ler e escrever.

Mas, acredito que ainda falta uma maior sensibilização por parte dos governantes para melhor atender este público que vivencia uma fase tão importante da sua trajetória escolar, sendo necessário políticas públicas que valorizem os profissionais e, acima de tudo, que valorizem este nível de ensino em todas as séries.

Portanto, vejo que cada docente tem sua metodologia a ser aplicada em sala de aula, e cada método escolhido e aplicado ganha traços singulares, únicos. Segundo Paulo Freire (1984), o educador tem que estar disposto a escutar seus educandos, pois a fala e os pensamentos dos alunos muitas vezes acarretam ao educador mudança em sua metodologia para que haja uma melhor compreensão do conteúdo.

Portanto, não posso ficar de braços cruzados perante essa realidade, pois logo estarei com o diploma de pedagoga, quero ser digna de ter chegado até aqui e de continuar lutando para transformar o sonho de alfabetizar letrando uma realidade, uma vez que não importa a idade que as pessoas tenham, mas o importante é serem alfabetizadas com dignidade.

Assim, concluo, com forte sentimento, que somente com a contribuição da educação se pode transformar uma nação, em que as pessoas possam reconhecer e fazer uso, sabiamente, de seus direitos como cidadãos críticos, emancipados e responsáveis pela construção de uma sociedade mais justa e humana.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

AMORIM, Laureana Chagas. **O trabalho com projetos como instrumento de mediação pedagógica para uma aprendizagem significativa na educação de jovens e adultos**. 2013. 61 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 6. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011a. 43 p. (Série legislação; n. 64).

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Biblioteca Universitária, Comissão de Avaliação, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Professor sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d' Água, 1993.

JUSBRASIL. **Art. 32 da lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691412/artigo-32-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996> Acesso em 02 de outubro de 2014.

MACIEL, Camila. **55% dos alunos do 3º ano do ensino fundamental são analfabetos funcionais**. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/06/25/55-dos-alunosdo-3-ano-do-ensino-fundamental-sao-analfabetos-funcionais.htm>. Acesso em: 12 jul. de 2014.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 14. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Disponível em <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/06/mais-da-metade-dos-alunos-do-3o-ano-do-ensino-fundamental-sao-analfabetos>>. Acesso em: 12 julho de 2014.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

**Faculdade de Educação (FACED)**

**Curso Pedagogia, licenciatura**

**Tema do TCC:** “A ATUAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS DE AÇÃO”.

**Aluna:** Maurineide Gomes do Nascimento

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva

Solicito sua atenção para o preenchimento do questionário abaixo que subsidiará meu Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço desde já sua colaboração, comprometendo-me a manter sigilo em torno da identidade dos que colaboraram com a pesquisa.

### Dados pessoais:

• Nome: \_\_\_\_\_ . Idade: \_\_\_\_\_

### Dados profissionais:

- Tempo de atuação docente: \_\_\_\_\_.
- Instituição onde atua: ( ) Pública. ( ) Privada.
- Carga horária semanal de trabalho: \_\_\_\_\_ horas.
- Turno(s) no(s) qual(is) atua: ( ) Diurno. ( ) Vespertino. ( ) Noturno.

### Formação Acadêmica:

- Formação Inicial: Curso - \_\_\_\_\_;  
Instituição: \_\_\_\_\_; Ano de conclusão: \_\_\_\_\_
- Formação Continuada:
  - ( ) Especialização em \_\_\_\_\_;  
Instituição: \_\_\_\_\_; Ano de conclusão: \_\_\_\_\_
  - ( ) Outros: \_\_\_\_\_;  
Instituição: \_\_\_\_\_; Ano de conclusão: \_\_\_\_\_
- Cursos complementares relacionados com a sua atuação docente:

- Curso: \_\_\_\_\_; Instituição: \_\_\_\_\_; Período: \_\_\_\_\_

- Curso: \_\_\_\_\_; Instituição: \_\_\_\_\_; Período: \_\_\_\_\_

- Há algum incentivo na instituição escolar onde você atua para sua formação continuada *in loco*?

( ) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_

( ) Não. Qual(is) motivo(s)? \_\_\_\_\_

1. Em qual teoria o(a) senhor(a) fundamenta sua ação docente em relação à aquisição da leitura e escrita?

---

---

---

2. Em sua(s) turma(s) alguma criança apresenta quaisquer dificuldades em interpretar textos? Com qual(is) gênero(s) isso ocorre com mais frequência? Como você tem trabalhado essa questão?

---

---

---

3. Quais as principais dificuldades que o(a) senhor(a) tem percebido nas crianças em relação a aquisição da leitura e da escrita? De que modo o(a) senhor(a) percebe que isso afeta a vida desses discentes?

---

---

---

**4.** Que tipos de metodologias, estratégias e ações tem se evidenciado como mais apropriadas para despertar a criatividade e promover a aquisição da leitura e escrita em sala de aula?

---

---

---

**5.** De que forma a escola, de modo geral, pode colaborar com o incentivo à leitura e à escrita das crianças? E qual é o papel da família em relação a esse assunto?

---

---

---

## APÊNDICE B - INDICADORES DA ESCOLA

Matrículas de alunos da escola em pesquisa

MODALIDADES	MANHÃ	TARDE	NOITE
PRÉ-ESCOLA	38	20	-
ENSINO FUNDAMENTAL	238	411	-
PROJOVEM/ EJA	-	-	171

**Docentes**

MODALIDADES	MANHÃ	TARDE	NOITE
PRÉ-ESCOLA	3	1	-
ENSINO FUNDAMENTAL	30	30	-
PROJOVEM	-	-	5
EJA	-	-	12

**Funcionários**

1	DIRETOR
1	SECRETÁRIO
3	COORDENADORES
1	SUPERVISOR
5	APOIOS NA SECRETARIA
2	COZINHEIROS
3	AUXILIARES NA CONZINHA
1	PORTEIRO

### Instalações físicas

14	SALAS DE AULOA EXISTENTES
14	SALAS DE AULAS UTILIZADAS
1	BIBLIOTECA
1	SALA DE PROFESSOR
1	LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA
1	PÁTIO
1	DEPÓSITO DE ALIMENTOS
1	CONZINHA
1	REFEITÓRIO
1	SALA DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA - AEE

### Equipamentos

1	TELEFONE
18	MICROCOMPUTADORES
3	IMPRESSORAS
2	DVD
4	TELEVISÕES
1	DATA SHOW
6	APARELHOS DE SONS
SIM	ACESSO Á INTERNET

## APÊNDICE C - DIÁRIO DE CAMPO

**Observações:** Escolhi esta escola para fazer esta pesquisa porque a instituição sempre esteve de portas abertas para que fizesse visitas e estágios referentes às disciplinas da faculdade: Educação de Jovens e Adultos (2013.I), Organização e Gestão de Estágio II (2014.I). E já conheço sua estrutura física, alguns alunos e professores. Isso permitiu-me mais uma vez recorrer a escola para fazer este trabalho no local (2014.II).

### Diário

**Estudante:** Maurineide Gomes do Nascimento

**Orientadora:** Maria José Albuquerque Silva

**Escola:** EMEIF. P.G.M.S

**Diretor:** J.R.B.C

**Início:** 18/08/2014

**Termino:** 04/09/2014

As observações em sala de aula ocorreram em 08 visitas nos turnos manhã e tarde.

<b>Série/Turma</b>	<b>Turno</b>	<b>Docente</b>	<b>Quantidade de aluno em sala de aula.</b>
3º A	Manhã	E.L	25
3º B	Manhã	L.U	26
3º A	Tarde	E.L	22
3º B	Tarde	K.A	20

**Observações:** A docente do 3º A manhã é a mesma do 3º B pelo turno da tarde.

<b>1ª visita</b>	Coordenação
<b>Data/Turno</b>	18/08/2014 – Tarde
<b>Observações</b>	Fui até a escola solicitar ao Diretor permissão para fazer visitas nos 3º anos do Ensino Fundamental, e iniciar minha pesquisa monográfica. Fui acolhida muito bem pelo diretor. E expliquei a ele que iria ficar nas salas de aulas fazendo observações com as crianças em suas interações com a leitura e a escrita, observando também as professoras em suas didáticas de ensinar aos alunos. Também mantendo uma conversa com essas profissionais em relação à alfabetização das crianças. Saber o que as professoras pensam sobre os alunos que sentem dificuldades na leitura e na escrita. E por fim, expliquei que minha última atividade seria uma aplicação de questionário para com as professoras, em que as questões seriam de âmbito pessoal e profissional referente ao exercício em sala de aula.

<b>2ª visita</b>	Secretaria
<b>Data/turno</b>	19/08/2014 – Manhã
<b>Observações</b>	Nesta visita, entreguei a carta de apresentação ao diretor, logo em seguida, direcionei-me à secretaria, onde conheci o novo núcleo gestor. O secretário F.E me disponibilizou todas as informações que falam da estrutura do prédio, o número de funcionários e alunos da escola. Em outro momento, pedi permissão para ver o prédio e sua estrutura, conclui, portanto, que nada havia mudado desde minha primeira visita à escola no ano de 2013.1.

<b>3ª visita</b>	Sala de aula 3º A e 3º B
<b>Data</b>	21/08/2014 – Tarde
<b>Observações</b>	<p>Hoje, visitei os dois 3º do turno da tarde, ocasião em que me apresentei às professoras, expliquei o motivo por que quero estar visitando os 3º anos, pois minhas observações (professor – aluno e aluno – aluno) e o questionário aplicado no final das visitas, irão me ajudar no processo da construção da minha monografia cujo interesse será abordar as dificuldades dos alunos neste ano em relação à leitura e à escrita. Buscando entender um pouco o motivo desses alunos, muitas vezes, serem apenas alfabetos funcionais. Ambas professoras me acolheram bem, e me apresentaram aos alunos. Estes ficaram com certo brilho no olhar ao me ver na sala de aula junto a eles. Deixei, portanto, claro aos profissionais que não iria expor o nome deles e da escola em minha pesquisa.</p>

<b>4ª visita</b>	Sala de aula 3º A e 3º B
<b>Data</b>	25/08/2014 – Manhã
<b>Observações</b>	<p>Hoje, fiquei no 3º A e não me apresentei, pois a professora do 3º A da tarde é a mesma do 3º A manhã, apenas fui apresentada pela professora para os alunos entenderem minhas visitas na sala de aula. A professora trabalhou a contação de história, poucos alunos se concentravam para entender a história, mas a pedido da professora eles não ficavam falando enquanto ela lia a história. Após a leitura, a professora fez perguntas oralmente da história e poucos alunos souberam responder. Em seguida, ela trabalhou poesia e rimas das palavras. Então, observei que os alunos gostaram de procurar palavras que rimassem com as da poesia. Logo após, as crianças foram ler a poesia individualmente e percebi as dificuldades em pronunciar as palavras, então a professora foi na cadeira de cada um e</p>

pediu para que fosse feita a leitura para ela ouvir e na medida que a crianças sentiam dificuldade a professora ajudava na leitura.

No segundo momento, desloque-me até a outra sala de aula do 3º B, como não havia falado com esta professora, apresentei-me, falei o motivo pelo qual estava ali. E ela foi compreensiva, receptiva, tomando o cuidado de me apresentar aos alunos que me receberam com um lindo “bom dia”. Como as crianças vinham do término do recreio a professora deu uns minutinhos para que os alunos chegassem e se sentassem, mantendo a calma e o silêncio em sala. Em seguida, a atividade foi o gênero textual poesia, a professora separou a sala em um grupo de meninos e meninas, pedia para cada um ler estrofes diferentes. Nesse momento, observei que, na leitura em grupo, apenas uma a duas crianças sabiam ler e as outras apenas balbuciavam palavras. No fim das leituras, a professora leu a poesia e pediu para que cada um individualmente lesse um pouco para ela. Então, percebi que as dificuldades nas leituras se mantinham nesta sala também. Por fim, a professora escreveu no quadro um conjunto de palavras retiradas da poesia e pediu para que as crianças as classificassem quanto ao número de sílabas e as separassem.

OBS: Em ambas as salas, observei um número pequeno de alunos, segundo as professoras as crianças faltam bastante, chegando, às vezes, a ter em sala de aula apenas 10 a 12 alunos.

<b>5ª visita</b>	Sala de aula 3º A e 3º B
<b>Data</b>	28/08/2014 – Tarde
<b>Observações</b>	<p>Hoje, a professora apresentou as crianças a atividade de matemática, que seria trabalhado os conteúdos de adição e subtração. No quadro, ela escreveu o que significa o sinal dessas operações, percebi que os alunos não se interessavam. Logo após elas escreveu no quadro probleminhas básicos para serem resolvidos. Porém percebe-se que as crianças não sabem interpretar o que o problema pedia, pois a professora repetia por várias vezes a mesma questão para que eles entendessem e resolvessem o problema. Isso significa que os alunos sentiam dificuldades em interpretar, mas a adição e a subtração eles sabiam resolver. Porém, a professora me explicou que começou a trabalhar nesta turma a partir do mês de abril, logo no início era uma turma difícil de se trabalhar, mas ela aos pouco foi conquistando a confiança dos alunos.</p> <p>Na outra sala, a atividade também era de matemática, porém a docente trabalhava o material dourado com os alunos. Ao colocar as peças sobre a mesa, a professora ia explicando como seria utilizado em sala de aula. E percebi o olhar brilhante e atendo das crianças em relação àquele material, a professora escreveu no quadro números que tinha centena, dezena e unidade e pedia para cada criança ir na sua mesa representar aqueles números no material dourado. Nossa! Como foi brilhante a atitude desta professora! Os alunos participavam com entusiasmo da atividade e percebia-se o quando eles aprendiam naquela tarde uma matemática nada enfadonha.</p>

	OBS: Esta tarde vi o quanto é importante a interação aluno e objeto – vindo com a mediação da docente.
--	--

<b>6ª visita</b>	Sala de aula 3º A e 3º B
<b>Data</b>	01/09/2014 – Manhã
<b>Observações</b>	<p>Para a atividade de Português a professora pediu aos alunos para fazerem uma leitura silenciosa do texto. Em seguida ela leu todo o texto e pediu que cada um lesse um parágrafo em voz alta. (Percebi o texto muito longo e que era totalmente fora da realidade das crianças, comentei com a professora se os textos eram sempre neste perfil, mas ela disse que infelizmente seguia o livro e que concordava que a extensão do texto, por ser grande, dificultava o entendimento da leitura). Em seguida, a professora fez perguntas do texto e as crianças não sabiam responder, mas a professora tentou ajudar sempre.</p> <p>OBS: A professora disse que sentia dificuldade em ser alfabetizadora e se identifica mais com o Ensino Fundamental II.</p> <p>Na outra sala, a atividade segue com português e a professora trabalha um poema no qual já havia trabalhado em aulas anteriores. Em seguida, a professora resolveu, junto com as crianças, as questões referentes ao poema. (Percebi que duas crianças não sabiam escrever as palavras ditadas pela professora e muitas vezes foi preciso recorrer ao alfabeto exposto na sala). A professora, ao perceber as dificuldades que muitas crianças sentem em escrever as palavras ditas, então escreveu no quadro as respostas.</p>

<b>7ª visita</b>	Sala de aula 3º A e 3º B
<b>Data</b>	03/09/2014 – Manhã
<b>Observações</b>	<p>A atividade é matemática, no primeiro momento a professora pede para que os alunos escrevam os algarismos de 1 até 300. Ao longo da atividade, os alunos se mostravam enfadonhos, muitas vezes recorriam até a mesa da professora que pacientemente explicava e via o caderno de cada um. Logo em seguida, ela se dirige ao quadro e escreve de 1 até 300, tirando portanto as dúvidas que surgiam.</p> <p>OBS: Segundo a professora, os alunos desta sala sentem dificuldades em matemática por não saberem ler o que reflete na dificuldade em interpretar os problemas matemáticos.</p> <p>Na outra sala, a atividade era de ciências, a professora trabalhou com os alunos os animais, separou os alunos formando grupo de trio e em seguida entregou a eles uma tabela de animais com os respectivos nomes, e no quadro, escreveu para as crianças procurarem na tabela os animais que eram vertebrados, invertebrados, carnívoros, mamíferos... E, nesta atividade, percebi o quanto as crianças gostaram da interação, trabalhar de grupo e ao mesmo tempo realizar uma atividade dinâmica.</p>

<b>8ª visita</b>	Sala de aula 3º B
<b>Data</b>	04/09/2014 – Tarde
<b>Observações</b>	A atividade foi de matemática, na qual a professora foi até o quadro e escreveu operações de adição e pediu para que as crianças fizessem. Muitas delas sequer retiraram as questões do quadro, e outras infelizmente não sabem responder. Segundo a professora, os alunos demonstram uma dificuldade em responder probleminhas básicos, e ela não gosta de fazer os exercícios que o livro traz, pois são exercícios que, com certeza, os alunos não vão saber fazer.

**APÊNDICE D – DIAS DE VISITA NA ESCOLA**

Visita	Dia	Local
1ª	18/08/14	Coordenação e secretaria (Coleta de dados da escola)
2ª	19/08/14	Sala de aula
3ª	21/08/14	Sala de aula
4ª	25/08/14	Sala de aula
5ª	28/08/14	Sala de aula
6ª	01/09/14	Sala de aula
7ª	03/09/14	Sala de aula
8ª	04/09/14	Sala de aula